eBook

RELATOS DA PANDEMIA NA VISÃO DOS BIOMÉDICOS

Organização:

AMPLLA
EDITORA

2021 - Editora Amplla

Copyright © Editora Amplla

Editor Chefe: Leonardo Pereira Tavares

Esta obra está licenciada sob CC BY 4.0.

Esta licença exige que as reutilizações deem crédito ao criador. Ele permite que os reutilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, mesmo para fins comerciais.

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, não representando a posição oficial da Editora Amplla. É permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Todos os direitos para esta edição foram cedidos à Editora Amplla.

ISBN: 978-65-88332-88-7

DOI: 10.51859/amplla.rpv887.1121-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Relatos da pandemia na visão dos biomédicos [livro eletrônico] / organização Academia Paraense de Biomedicina (APBM). -- Campina Grande : Editora Amplla, 2021.
72 p.

Formato: PDF

ISBN: 978-65-88332-88-7

1. Relatos da pandemia. 2. Biomédicos. 3. Pandemia.
4. Coronavírus. I. Academia Paraense de Biomedicina (APBM).
II. Título.

CDD-610.7

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Biomédicos 610.7

Prefácio

Registrar o tempo presente é seguir caminhando com a viva lembrança do tempo em que a Biomedicina foi mais fundamental ainda para a evolução do cuidado, da saúde e da ciência.

Ao longo da história ocorreram várias pandemias atravessando gerações que sofreram as consequências dos impactos nos sistemas de saúde e nas atividades econômicas, mas sobretudo conviveram com a triste realidade da morte de milhões de pessoas.

Dentre estas pandemias, as principais foram:

Gripe Suína (H1N1)

Com sintomas como febre, tosse, dor de garganta, calafrios e dores no corpo, a gripe suína recebeu esse nome porque foi identificada em porcos, em 2009, no México. Matou mais de 18.000 pessoas.

Peste

A Peste bubônica causada pela bactéria *Yersinia pestis* que é considerada, historicamente, a causadora da Peste Negra, assolou a Europa no século 14. Entre 1343 e 1353, estima-se que 100.000 pessoas morreram de peste bubônica.

Varíola

Tem como agente etiológico o vírus *Orthopoxvirus variolae*, atormentou a humanidade por muitos anos, sendo erradicada em 1980 após a criação de uma vacina com características que permitiram acesso mundial, nos mais longínquos e inóspitos cenários geográficos. 300 milhões de óbitos entre 1896 e 1980.

Cólera

Causada pela bactéria *Vibrio cholerae* provocou uma epidemia global, em 1817, desde então, se apresentam em ciclos epidêmicos de tempos em tempos, mantendo o perfil de pandemia. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 28 mil a 142 mil pessoas morram por causa da doença todos os anos.

Gripe Espanhola

Causada por um vírus influenza a pandemia de 1918 atingiu mais de um quarto da população mundial, estando a disseminação relacionada a movimentação de pessoas após a I Guerra Mundial, como de soldados retornando aos seus países. No Brasil um dos acometidos foi o Presidente da República Rodrigues Alves, que teve a vida ceifada pelo vírus em 1919. 50 milhões de óbitos.

Gripe Suína (H1N1)

O H1N1 foi o primeiro agente de pandemia do século XXI. Atribui-se a origem do vírus, em 2009, entre os porcos no México, e rapidamente se espalhou pelo mundo. Estima-se 17.000 óbitos.

Nossa geração está agora (con)vivendo com a segunda realidade pandêmica do século XXI, desta vez fomentada pelo vírus SARS-CoV-2. O mundo está paralisado de um modo nunca visto antes. A globalização é um fenômeno de nossa linha do tempo que também permitiu de modo mais rápido a disseminação da infecção, e permite a atualização de informações de modo instantâneo. Assim, assistimos incrédulos a dura realidade que repercute no mundo e no Brasil.

No Pará, até 18/12/2020 cerca de 284.774 pessoas foram infectadas, contabilizando a morte de 2.471 profissionais da saúde, incluindo biomédicos. Nosso reconhecimento a todos os que estiveram e permanecem em atividades de “linha de frente” na assistência, diagnóstico, prevenção e outras atividades.

Aqui na Amazônia enfrentamos de modo semelhante ao restante do mundo os problemas de natureza econômica, social e alto índice de transtornos psicológicos, além dos graves déficits na rede de assistência, afinal ninguém estava preparado para tanto. E o diferencial tem sido a dedicação de nossos profissionais da saúde.

Diante deste cenário, a primeira Academia de Biomedicina do Brasil - Academia Paraense de Biomedicina resolveu lançar o Projeto Relatos da Pandemia na Visão dos Biomédicos, oportunidade para categoria relatar suas atividades ou sua visão sobre os momentos que estão vivenciando. Uma coletânea para a posteridade.

Desde o início da pandemia os Biomédicos estiveram na linha de frente no enfrentamento ao novo coronavírus. Nos laboratórios de Biologia Molecular realizaram com rapidez e segurança o sequenciamento genético do SARS-CoV-2 e o diagnóstico da Covid-19 utilizando os diversos protocolos recomendados por instituições nacionais e internacionais.

No diagnóstico por imagem a categoria contribuiu com as tomografias do tórax, RX e outros procedimentos que ajudaram de sobremaneira no auxílio ao diagnóstico da doença e acompanhamento da evolução do paciente. Nos Laboratórios de Patologia/Análises Clínicas, além de realizarem testes sorológicos para Covid-19, executaram todos os demais exames utilizados para acompanhamento do indivíduo infectado. Nos Laboratórios de Microbiologia desenvolveram procedimentos para o diagnóstico de infecções secundárias causadas pelo coronavírus, realizando bacterioscopias, culturas e antibiogramas no menor tempo possível. Na Saúde Pública os Biomédicos tiveram destacada atuação na formulação de políticas para a prevenção, diagnóstico e isolamento dos pacientes.

Prestaram também excelente contribuição na área da epidemiologia realizando testes para prevalência da doença e melhor entendimento das medidas necessárias inerentes as autoridades da saúde. No magistério superior continuaram ministrando aulas e palestras utilizando as modernas tecnologias de ensino à distância. Na pesquisa, não pararam um único momento com projetos relevantes não só para o diagnóstico, como também para o entendimento melhor da doença fornecendo informações necessárias para as devidas medidas sanitárias.

Nos Bancos de Sangue fizeram um esforço enorme para garantir o estoque de sangue e a realização dos exames recomendados para os doadores e que garantem a qualidade do produto. Na produção de vacinas foram incansáveis na pesquisa de se encontrar a melhor alternativa.

E em outras atividades os Biomédicos participaram ativamente como na realização de lives, entrevistas para jornais e TV, realizando episódios de podcasts, elaboração de protocolos, elucidando dúvidas dos pacientes, utilizando as novas ferramentas de comunicação para prestarem informações com segurança e qualidade.

Esta obra foi a oportunidade de deixarmos para futuras gerações um “retrato” da pandemia pelo SARS-CoV-2 no estado do Pará, contada pelos próprios Biomédicos que vivenciaram todos os momentos da doença.

Carlos David Araújo Bichara

Membros da Academia Paraense de Biomedicina

Reunião da Academia Paraense de Biomedicina

David Bichara

Apresentação: Mestre e Doutorando em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários/ ICB/UFPA. Médico e Biomédico formado pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Patologia Clínica SBPC/AMB. Especialista em Saúde Pública/ UNAERP/SP. Especialista em Administração dos Serviços de Saúde/UNAERP/SP. Professor do curso de Medicina da Unifamaz, Diretor científico da Sociedade Brasileira de Autoimunidade, Responsável pela Seção de Autoimunidade do Laboratório Amaral Costa, Fundador do Conselho Federal e Regional de Biomedicina, Membro da Academia Paraense de Biomedicina, Fundador da Rede Paraense de Parasitologia, Fundador da Rede Brasileira de Toxoplasmose, Fundador do Museu da Medicina do Pará, Fundador do Museu Paraense de Biomedicina, Fundador da Associação dos Biomédicos Escritores do Pará, Editor da Coluna Medicina Liberal do Jornal O Liberal, Experiência na área de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial, atuando principalmente em autoimunidade, microbiologia e Medicina de Precisão.

Marcia Freitas

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela UFPA, mestrado em Morfologia pela UFRJ e doutorado em Neurociência e Biologia Celular pela UFPA. Professora da Universidade Federal do Pará atuando no ensino na Faculdade de Medicina. Colabora com o Laboratório de Toxicologia Humana e Ambiental (NMT/UFPA) no desenvolvimento de estudos sobre a vulnerabilidade de populações ao mercúrio e bioquímica oxidativa associada a doenças tropicais com ações voltadas para prevenção e prestação de serviços na área de assistência à saúde para comunidades ribeirinhas às margens dos rios Caetés, Tocantins, Tapajós e Xingu. Faz parte do grupo de pesquisa do Laboratório de Farmacologia e Toxicologia de Produtos Naturais (ICB/UFPA) para validação científica de propriedades reveladas por usuários da planta medicinais para avaliar os riscos associados com o seu uso e analisar os parâmetros toxicológicos associados a sua utilização, através de parâmetros histopatológicos, hematológicos, bioquímicos e eletrofisiológicos. Também participa de estudos no

laboratório de Biologia Estrutural e Funcional (ICB/UFPA) na investigação toxicológica em glândulas salivares e sistema nervoso central. Tem colaboração com o Programa de Educação Permanente em Saúde para capacitação de profissionais no âmbito da formação e da Educação Continuada na Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Educação na Amazônia (GEPSEA) da UFPA, desenvolvendo estudos voltados para prevenção, promoção e reabilitação da saúde em Altamira. Membro do Conselho Gestor do Programa Interdisciplinar Trópico em Movimento e Membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Adriana Folador

Apresentação: Doutora em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Pará (2012), com mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos (2009) e graduação em Biomedicina (2007). Desenvolveu sua dissertação de mestrado no Instituto Evandro Chagas, na Seção de Arbovirologia e Febres Hemorrágicas, desenvolvendo projetos de pesquisa na área de Variabilidade Genética do Vírus Dengue. Durante o doutorado, atuou na área de bioinformática aplicada a montagem e anotação de genomas de micro-organismos a partir de dados de "Next Generation". Atualmente, é um dos coordenadores do Laboratório de Bioinformática e Genômica de Microrganismos (LBGM) e desenvolve pesquisas na área de genômica e transcriptômica de microrganismos patogênicos e de interesse biotecnológico, metagenômica aplicada a estudos de microbiomas e resistência microbiana, bem como realiza estudos de interação patógeno-hospedeiro para prospecção de novos alvos vacinais e/ou biomarcadores.

Professora Adjunto II da Faculdade de Biotecnologia da Universidade Federal do Pará e orienta em 3 Programas de Pós-graduação: Genética e Biologia Molecular (CAPES 6), Biotecnologia (CAPES 5) e Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (CAPES 6). Já foi premiada com o "Mulheres na ciência 2019" promovido pela L'Oreal-Unesco-Academia Brasileira de Ciências. É membro da Academia Paraense de Biomedicina. É membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências (2020 - 2024).

Tinara Aarão

Brasileira de Biomedicina).Membro do Conselho Regional de Biomedicina da 4º Região (CRBM-4). Membro Imortal da Academia Paraense de Biomedicina, ocupando a cadeira de número 6.Tem experiência na área de Ciências Biológicas , com ênfase em Doenças Infecciosas e Parasitárias, atuando principalmente nos seguintes temas: Parasitologia, Imunologia, Microbiologia, Imunohistoquímica, Imunopatologia e Docência em ensino superior (ênfase em metodologias ativas)

Apresentação: Biomédica formada pela Universidade Federal do Pará (2003), possui mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pela Universidade Federal do Pará (2005) e doutorado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pela Universidade Federal do Pará (2012). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Biologia Parasitária na Amazônia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente, é pesquisadora colaboradora do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA do Laboratório de Imunopatologia. Docente da Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ) do curso de Medicina, no qual atua como coordenadora de Modulo e tutora, Coordenação de planejamento do Curso de Medicina (FAMAZ), Membro do Comitê Científico do Curso de Medicina (FAMAZ). Docente da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) ministrando as disciplinas Imunologia, Parasitologia e Ética e Legislação Biomédica. Coordenadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Biomedicina (FIBRA). Associada da ABBM (Associação

Antônio Vallinoto

CAPES) do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, por dois mandatos, no período de Janeiro de 2004 a Dezembro de 2008. Ocupou o cargo de Diretor de Pesquisa da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPA no período de janeiro de 2009 a janeiro de 2015. Aprovado em 2015 em concurso público para o cargo de Professor Titular-Livre (Processo 018894/2015-21; Edital 277/2014; DOU no.158/2015).

Apresentação: Professor Titular da Universidade Federal do Pará. Graduiu-se em Biomedicina pela UFPA (1993). Concluiu o Mestrado em Ciências Biológicas (Área de Genética e Biologia Molecular) pela UFPA (1996). Obteve o título de Doutor em Ciências Biológicas (Área de Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários) pela Universidade Federal do Pará em 2001. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 1C. É membro Titular da Academia Paraense de Ciências e Patrono da Cadeira de número três da Academia Paraense de Biomedicina. Ministra aulas nas disciplinas Imunologia e Epidemiologia Molecular, em nível de graduação e pós-graduação. Chefia o Laboratório de Virologia da UFPA onde desenvolve pesquisas nas áreas de Epidemiologia Molecular e Imunogenética, com ênfase em infecções virais (HIV, HTLV, HCV, HBV, JCV, BKV, HHV-8, e outros) e bacterianas (Chlamydia trachomatis, Chlamydia pneumoniae e Treponema pallidum). Exerceu o cargo de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (nota 6,

Rommel Burbano

Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Orientou 41 dissertações de mestrado e 38 teses de doutorado, além de ter supervisionado cinco bolsistas de Pós-doutorado. Atua na área de Genética Humana, Biologia Celular e Oncologia. Atualmente é o Coordenador do Laboratório de Biologia Molecular do Hospital Ophir Loyola, Belém, Pará.

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1989), mestrado (1993) e doutorado em Ciências Biológicas (Genética) pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (1998). Concluiu o pós-doutorado em Morfologia pela Disciplina de Genética da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo em 2005. É Professor Titular da Universidade Federal do Pará. No biênio 2014 - 2015, foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Neurociência e Biologia Celular da Universidade Federal do Pará. Membro do corpo editorial de nove periódicos científicos indexados. Revisor de projeto de catorze agências de fomento nacionais e três internacionais. Revisor de 76 periódicos científicos. Publicou 231 artigos científicos em periódicos especializados, seis capítulos de livro e 211 trabalhos em anais de eventos. É detentor da patente Process and molecular biomarker, concedida em 18/09/2018 e registrada com o número 10,077,476 B2, no United States Patent and Trademark Office e de três pedidos de patente depositados no

Sonia Nasaré

Gavião – início da interiorização da UFPA. Atualmente é presidente da Sociedade Amigos da Marinha-entidade sem fins lucrativos e membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Apresentação: Graduada em Biomedicina, com Especialização em Fisiologia do Musculo Cardíaco – UFRJ 1979, Especialização em Hemoterapia e seus derivados-HDB 1977, Especialização em HLA (análise de antígenos de histocompatibilidade) 1978, Mestrado em Imuno Hematologia 1978 USP e Doutorado em Biofísica na USP 1984. Tem experiência profissional no magistério nível superior na Universidade Federal do Pará, onde foi professora titular. Exerceu as seguintes atividades: ministrou aulas práticas e teóricas para os alunos dos cursos das áreas de ciências biológicas e ciências médicas, pesquisadora na área de ciências médicas aplicadas a melhoria da qualidade de vida na aplicação dos hemoderivados, preparo de análise de histocompatibilidade para os pacientes candidatos ao transplante renal e seus doadores - equipe do HDB, preparo de complemento para desenvolvimento das técnicas utilizadas nas pesquisas de identificação de antígenos de histocompatibilidade. É autora do Projeto Guamá Desenvolvido pela UFPA. Componente da equipe que idealizou o Projeto

Michele Amaral

Apresentação: Bacharel em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela Universidade Federal do Pará (2005); Habilitação em Análises Clínicas; Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Pará (2007). Doutoranda em Neurociências e Biologia Celular (UFPA) (2015-Atual). Coordenação e chefia de grupo em Análises Clínicas (2009). Atua como docente na Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) (2013), no Centro Universitário FIBRA (2013) e na Faculdade Cosmopolita (2017) ministrando disciplinas no curso de Biomedicina e Farmácia. Coordenadora do Estágio Supervisionado em Análises Clínicas no Curso de Biomedicina (2015 - Atual). Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Citopatologia Clínica com Ênfase no Trato Genital Feminino no Centro Universitário FIBRA (2015-Atual). Integrante da Associação Brasileira de Biomedicina (2016). Integrante da Academia Paraense de Biomedicina, ocupando a cadeira de número 16 (2017). Biomédica Homenageada pela Câmara Municipal de Belém (2019).

Mioni Brito

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1998), mestrado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2005), doutorado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2011) e pós doutorado em Tecnologia Farmacêutica, pela Universidade Federal do Pará (2012). Atualmente é Professora Associado I, da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Pará, onde desenvolve projetos de extensão voltados à comunidades ribeirinhas, projetos de pesquisa em epidemiologia de Cryptococcus e Dermatófitos e atua nas disciplinas de Micologia e Epidemiologia, para a graduação. É pesquisadora visitante do Ambulatório de Dermatologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade do Estado do Pará, atuando no Laboratório de Micologia. Faz parte do corpo docente permanente e é vice-coordenadora do Mestrado Profissional em Análises Clínicas (MAC-PRO), do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, com a linha de diagnóstico micológico e tecnologias educacionais para Análises Clínicas e Micologia.

Eduardo dos Santos

Apresentação: Biomédico (CRBM4-426), possui graduação em Bacharelado em Biologia Modalidade Médica pela Universidade Federal do Pará (1990), mestrado em Ciências Biológicas (Genética) pela Universidade de São Paulo (1992), doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará/Universidade do Ruhr, Bochum, Alemanha (1999), pós-doutorados no National Cancer Institute, USA (2009) e Universidade de Liverpool, UK (2015). Docente desde 1992, atualmente é professor titular do Instituto de Ciências Biológicas, UFPA. Tem experiência na área de Genética, com ênfase em Genética Humana e Médica, atuando principalmente nos seguintes temas: genética de populações, imunogenética humana e evolutiva, bioinformática, predisposição genética a doenças complexas e genética médica. Bolsista de Produtividade do CNPq (2017-2019). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários e membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Akim Nobre

Apresentação: Possui Graduação em Biomedicina, Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Doenças Tropicais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi aluno de Iniciação Científica do Instituto Evandro Chagas (IEC) entre 2009 e 2013 na Seção de Virologia (SAVIR), atuando no Laboratório de Vírus Respiratórios (LVR) e trabalhando em projetos de pesquisa relacionados ao vírus varicela-zoster (VVZ), coronavírus humano (CoVh) e influenza aviária (AvianFlu). Desde 2013 integra o grupo de pesquisadores do Laboratório de Biologia Molecular e Celular do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, investigando a dinâmica evolutiva e epidemiológica do vírus linfotrópico-T humano (HTLV). Atualmente é servidor da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), compõe o corpo docente da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC), é revisor científico do *Brazilian Journal of Infectious Diseases* (ELSEVIER) e membro da Academia Paraense de Biomedicina (APBM).

Carlos Marques

Apresentação: Biomédico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Análises Clínicas e Biologia Molecular, mestrado e doutorado em Bioquímica e Biofísica e pós-doutorado em Virologia pelo Instituto Evandro Chagas. Professor da Universidade do Estado do Pará e do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, com experiência no estudo de interações vírus-célula e no desenvolvimento de estratégias antivirais. Integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Biologia Parasitária na Amazônia. Membro da Academia Paraense de Biomedicina e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Maria Liduina Martins

Apresentação: Graduada em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará com habilitação em Análises Clínicas, pós graduada em Citologia Clínica pelo Centro Universitário do Estado do Pará. Atualmente é Diretora Técnica do Laboratório de Análises Clínicas BIO-ANÁLISES, foi Responsável Técnica do Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Ophir Loyola durante 17 anos, Estágio na Seção de Microbiologia no Instituto Adolf Lutz (SP), Curso de Microbiologia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Ribeirão Preto, Estágio no departamento de Micologia do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Estágio no Laboratório de Análises Clínicas da UNICAMP- Campinas, Cursos de Controle de Qualidade Total em Análises Clínicas, Auditor Interno da Qualidade, Gerência de Qualidade Total na Saúde, Desenvolvimento Gerencial, Boas Práticas em Laboratórios Clínicos.

Berenice Guerra

Apresentação: Biomédica pela Universidade Federal do Pará, foi responsável pelo setor de Urinálise e coordenou o Treinamento do Sistema de Gestão da Qualidade do Laboratório de Patologia Clínica Amaral Costa. É membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Paloma Santos

Apresentação: Biomédica formada pela universidade Federal do Pará-UFPA (2006), registrada no Conselho Regional de Biomedicina da 4ª Região com mestrado na área da Genética e Biologia Molecular, com ênfase em Bioinformática pela UFPA (2011). Atuou como professora e coordenadora do Curso de Biomedicina da Escola Superior da Amazônia (2011-2019). Atualmente, é aluna de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Virologia do Instituto Evandro Chagas, professora no Curso de Biomedicina da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) e membro imortal da Academia Paraense de Biomedicina.

Daniele Fernandes

Apresentação: Tem formação em Bacharelado em Biologia Modalidade Médica (Biomedicina) e Mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários, ambos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e ainda Especialização em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) e Aperfeiçoamento em Docência Clínica e Preceptoria pela Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Tem experiência em genética humana e médica, biologia celular e molecular, parasitologia, bioquímica, diagnóstico e gestão laboratorial, saúde e segurança no trabalho e saúde pública. Membro Titular da Academia Paraense de Biomedicina (APBM).

Andrea Guedes

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (2003). Pós graduação em Microbiologia pela Universidade Federal do Pará (2008). Membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Gergiane Vaz

Apresentação: Formada pela Universidade Federal do Pará(1998), especialista em microbiologia pela UFPa e em Acreditação em Sistema de Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Membro da Academia Paraense de Biomedicina com experiência em sistema de gestão da qualidade, Auditora interna Palc e ISO9001, Gerente técnica do Amaral Costa – Medicina Diagnóstica.

Vânia Sarmento

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará, título de especialista em Ciências Forenses e mestrado em Virologia. Ocupa cargo de tecnologista em pesquisa no Instituto Evandro Chagas, atuando principalmente na pesquisa e vigilância das hepatites virais na região Amazônica.

Angelita Corrêa

Apresentação: Biomédica (UFPA), Mestrado em Biologia dos agentes infecciosos e parasitários (UFPA), Doutorado em Biologia Celular (UFPA); Residência Multiprofissional em Atenção à Clínica Integrada (UFPA), é integrante da APBM.

Carla Bahia

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1999) e pós-graduação em Análises Clínicas com ênfase no diagnóstico de doenças tropicais pela Universidade Federal do Pará (2002).

Depoimentos Biomédicos

**Sara Lobato
da Silva**

.Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (2010) e habilitada em Diagnóstico por Imagem e Análises Clínicas.

Local de Trabalho: Amaral Costa Medicina Diagnóstica.

Desde março, minha rotina de 8 horas se transformou para 15 horas diárias de trabalho. Como biomédica, atuante na área de diagnóstico por imagem em um serviço particular de Belém, vi o número de tomografias de tórax aumentar exponencialmente. Foi nesse momento, que percebi que a Pandemia tinha chegado com uma força imensurável em nossa cidade.

Lembro-me que senti muito medo, no entanto, esse medo não podia me paralisar. Como profissional da saúde e principalmente como ser humano, meu papel era ajudar pessoas com imagens e diagnóstico rápido, já que naquele momento os testes sorológicos eram escassos.

Chegava bem cedo para me paramentar com todos os EPIs necessários, pois o contato com as pessoas era contínuo e direto. Ir ao banheiro ou mesmo se alimentar não eram prioridades. Durante esses longos meses, vi mães chorarem a perda de seus filhos e filhos a perda de seus pais, colegas de trabalho sendo afastados, pessoas devastadas por uma doença cruel que retirou o que temos de mais importante: o convívio com familiares e amigos.

Nossa equipe (médicos, biomédicos, técnicos de enfermagem e auxiliares dos serviços gerais) estava exausta, mas nada era mais importante naquele instante que fazer a nossa parte com amor e empatia.

A Pandemia ainda não acabou, estamos vivendo um dia de cada vez. Espero que possamos tirar lições de tudo isso e que a humanidade, de uma vez por todas, entenda que respeito e amor ao próximo são os pilares para um mundo melhor.

Ana Paula Queiroz

Apresentação: Graduada em Biomedicina pela Faculdade Metropolitana da Amazônia desde 2016, atuando como Biomédica Imagenologista.

Local de Trabalho: Amaral Costa Medicina Diagnóstica.

Diante de um cenário histórico e, atuando na linha de frente no combate à pandemia do coronavírus, pude perceber que seria o maior desafio e uma grande missão na minha jornada como Biomédica; uma experiência marcada pelo medo, angústia, incertezas e muita ansiedade, pois estávamos em uma “guerra” contra um inimigo desconhecido.

Tudo mudou! Carga horária maior que o habitual, a demanda de pacientes com sintomas aumentou consideravelmente e o vírus transformou nossa rotina de trabalho, onde passamos a seguir vários protocolos de prevenção, como o uso de EPIs, lavagem das mãos e higienização do ambiente de trabalho inúmeras vezes. Foram dias exaustivos que mal tínhamos tempo para nossa família.

Como os testes laboratoriais eram ainda escassos, a tomografia computadorizada foi primordial como auxílio no diagnóstico do COVID-19, pois este método detectava lesões no parênquima pulmonar. Foi então, que percebi mais uma vez, que a batalha seria árdua, cada dia que passava o número de clientes aumentava em busca de diagnóstico, pessoas adoecendo em uma proporção significativa. O vírus estava cada vez mais perto de nós!

A cada final de plantão, voltávamos para casa aflitos, com medo de levar o inimigo invisível...Foram dias cansativos fisicamente e psicologicamente. Mesmo em momentos dramáticos o sentimento de amor, força e esperança imperava, pois, aquelas pessoas dependiam do nosso trabalho.

2020 está sendo um ano desafiante, mas, que nos deixará uma grande lição; empatia, solidariedade e amor ao próximo! O vírus ainda está entre nós. Cuide-se!

Michele Amaral da Silveira

Apresentação: Bacharel em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela Universidade Federal do Pará (2005); Habilitação em Análises Clínicas; Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Pará (2007). Doutoranda em Neurociências e Biologia Celular (UFPA) (2015-Atual). Coordenação e chefia de grupo em Análises Clínicas (2009). Atua como docente na Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) (2013), no Centro Universitário FIBRA (2013) e na Faculdade Cosmopolita (2017) ministrando disciplinas no curso de Biomedicina e Farmácia. Coordenadora do Estágio Supervisionado em Análises Clínicas no Curso de Biomedicina (2015 - Atual). Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Citopatologia Clínica com Ênfase no Trato Genital Feminino no Centro Universitário FIBRA (2015-Atual). Integrante da Associação Brasileira de Biomedicina (2016). Integrante da Academia Paraense de Biomedicina, ocupando a cadeira de número 16 (2017). Biomédica Homenageada pela Câmara Municipal de Belém (2019).

Local de Trabalho: Centro Universitário FIBRA, Escola Superior da Amazônia - ESAMAZ e Faculdade Cosmopolita.

Atuo como docente das instituições de ensino superior, Centro Universitário FIBRA, Escola Superior da Amazônia - ESAMAZ e Faculdade Cosmopolita, por conta da pandemia, logo que tudo começou, precisei me adaptar ao processo de aulas remotas que foi solicitado a todos os professores. Não foi fácil essa adaptação, pois tive que aprender em um intervalo de tempo curtíssimo os processos operacionais de três plataformas diferentes. Foram muitas as dificuldades, mas com o passar dos meses fui superando. O trabalho em home Office virou a minha rotina durante a pandemia. Foi um momento desafiador, está sendo, pois direcionar o processo de ensino aprendizagem, via on line, aos estudantes, no momento em que muitos adoeceram, ou perderam seus familiares, amigos, gera aflição, medo, uma mistura de sentimentos. Levando em conta que eu também tive perdas de pessoas queridas que deixaram uma grande tristeza. Mas apesar de tudo busquei seguir com o mesmo profissionalismo, me esforçando, buscando me aperfeiçoar para proporcionar o melhor aprendizado ao estudante, e sempre os incentivando a não desistir. Tenho confiança que tudo vai passar, creio que seja um momento de reflexão para que possamos exercer com empatia nossas atividades no processo de formação de futuros biomédicos em um momento diferente de todos que já vivenciamos. Como docente, procuro fazer dessa forma, pois acredito que assim poderemos sair dessa pandemia de uma maneira melhor em relação a que entramos.

Kellien Prístila Vilhena Bastos

Apresentação: Sou de nacionalidade brasileira, natural de Belém do Pará, graduada em 2020 em Biomedicina pela FIBRA - Faculdade Integrada Brasil Amazônia, com habilitação em Análises Clínicas e Acupuntura.

Local de Trabalho: Atuo em um Laboratório de grande visibilidade em Belém, o Amaral Costa Medicina Diagnóstica.

Como Biomédica, atuando na linha de frente com o atendimento de pacientes no laboratório, enfrentar a maior crise sanitária vivida em meu país, ocorreu com um sentimento único e paralelo de que se viver em uma pandemia é de certa forma uma roleta russa. A cada novo caso estatisticamente registrado, a cada declaração muita das vezes incoerente e insensata repassada pelo governo, a cada baixa registrada, fica-se esperando o estampido da bala em forma de sintomas e talvez a iminência de alguma fatalidade ocorrer dentro do meu círculo de convívio social. Senti um medo absurdo e assustador como nunca senti antes em minha existência. “Se fulano pegar, acho que não irá aguentar”. A gente passa a ficar calculando quem vive e quem morre segundo nossas próprias expectativas. Sim, isso é algo insano e totalmente doloroso de imaginar.

Então neste momento o que precisávamos era sobreviver.

Continuar trabalhando em meio ao caos instalado na cidade se tornou um desafio diário, todo contato com o mundo exterior da minha família se deu por meu intermédio. Adotei alterações rigorosas no protocolo de minhas rotinas tanto familiar quanto profissional. Meu comportamento e minhas atitudes com relação ao isolamento social foi em sua totalidade, preservar meus amados pais idosos (ele com 74 anos e ela com 65 anos) considerados relativamente dentro do grupo de risco, meus filhos pré-adolescentes e meu esposo. Isto se tornou uma meta diária.

Máscaras, eu utilizava pelo menos duas, sendo uma por cima da outra, bem apertadas e as luvas e álcool em gel foram meus companheiros inseparáveis.

Com a infecciosidade do vírus, eu não poderia vacilar e não vacilei.

Acompanhei diariamente com muita tristeza e angústia o diagnóstico dos meus colegas dentro do meu local trabalho, as notícias de mortes pelas redes sociais e as manchetes locais em meu bairro. Senti, enxerguei no olhar de cada paciente infectado, o desespero na busca por atendimento no diagnóstico laboratorial e de imagem, a dificuldade de acesso à medicação mediante ao colapso das farmácias. E em meio a essa avalanche de

acontecimentos com um enorme temor a toda essa sensação de vulnerabilidade, metaforicamente pronunciando, a imagem que sempre me chegava era do mar crescendo paulatinamente e a gente imóvel na areia esperando a onda nos atingir até ficamos a um palmo do chão borbulhantemente envolto em sua espuma. Então, eu não poderia fraquejar. Não fraquejamos e até aqui eu e meus familiares nos mantivemos sem esse vírus.

Coronavírus, uma doença avassaladora, traiçoeira, silenciosa e que dói muito repensar em todas essas mortes.

Ficamos na esperança de que o afrouxamento do isolamento social não traga consigo mais temor e mortes em meio a uma possível 2ª onda do Coronavírus.

Thaís Batista das Chaves

Apresentação: Possui graduação em biomedicina pela Universidade da Amazônia (UNAMA) 2015, e pós-graduação em biomedicina estética em andamento na Faculdade Inspirar Belém (2019).

Local de Trabalho: Atualmente biomédica no Laboratório Amaral Costa em Belém.

Como profissional da área da saúde e sabendo do atual cenário da nossa saúde pública, comecei a sentir preocupação quando vi as primeiras notícias sobre o vírus, pois já imaginava o quão avassalador ele seria no Brasil, infelizmente. Conforme o tempo passava, maior ficava nossa angústia, o vírus já se espalhava de forma exponencial e incontrolável. No meu âmbito familiar a aflição era grande, pois moro com uma pessoa do grupo de risco, e a incerteza de estarmos bem no dia seguinte era terrível, principalmente se ligássemos o jornal para assistir, era notícia de mortes a todo instante. Qualquer sintoma, o mínimo que fosse já era motivo de alarde e desespero. No meu ambiente de trabalho não era diferente, mas como qualquer profissional de saúde, fizemos um juramento e não podíamos deixar de ser fiel à ele, independente das circunstâncias. Infelizmente vi pessoas bem próximas perdendo a vida para a covid-19, pessoas que estavam bem e acabaram entrando nas estatísticas que apareciam nos jornais. Se ao menos tivéssemos um tratamento seguro e eficaz com medicações, mas para nossa tristeza não temos, apenas chegamos perto. Muitas vacinas já estão na fase final dos estudos, e espero que os cientistas consigam avançar nessas pesquisas da mesma forma exponencial que o vírus avançou, não podemos perder essa batalha. Eu torço para que muito em breve, essa vacina chegue para todos de maneira eficaz e segura, podendo de vez acabar com a insegurança, e termos de volta a vida antes da pandemia. Espero também que muitos tenham aprendido e compreendido sobre a importância e valorização dos profissionais da saúde e da nossa saúde pública. Abaixo de Deus, eles eram a única esperança que o ser humano tinha.

Ândrea Kely Campos Ribeiro dos Santos

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina.

Local de Trabalho: Sou Biomédica e trabalho no Laboratório de Genética Humana e Médica da Universidade Federal do Pará (UFPA) desde 1997.

Acompanhei a chegada do novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela condição clínica denominada COVID-19, desde sua descoberta oficial em 31/12/19 em Wuhan (China) até meses depois, em 11/03/2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) o declarou como pandemia (distribuição mundial). Naquele momento, ficou evidente para mim a necessidade de implementação de novas estratégias que permitissem a melhor compreensão dos mecanismos de ação do vírus e o seu impacto frente às diferentes populações humanas que seriam afetadas. Acho, que naquele momento entendi finalmente por que escolhi ser pesquisadora.

Meu primeiro instinto foi reunir com o grupo de pessoas que trabalham comigo e dividir a responsabilidade do que estava por vir. Imediatamente solicitei aos alunos e pesquisadores que moravam em outros Estados ou Municípios, que voltassem aos seus lares, que protegessem a si e seus familiares o tempo necessário. Pois a chegada da pandemia era certa, mas o seu fim incerto.

Hoje, ao refletir sobre aquele instante de incertezas, que essa foi a única ação em que poderia ter certeza.

Após o susto, logo formamos uma força tarefa de todos, a UFPA, o LACEN e o Estado do Pará. Porque entendemos que frente ao desconhecido só a união poderia e pode modificar. Iniciamos uma batalha na busca de diminuir as taxas de transmissão e de morte entre os profissionais de saúde e da população em geral e estabelecemos um protocolo novo de detecção do vírus, baseado apenas na saliva, pois não existiam swabs. Obtivemos sucesso e logo o protocolo foi disseminado por vários lugares.

Trabalhávamos dia e noite para auxiliar o próximo e muitas vezes nos agoniávamos e chorávamos juntos a perda de um paciente, de um amigo, ou de um familiar. Hoje, olhando para trás, não sei como sobrevivemos aos meses de março, abril e maio de 2020, mas sobrevivemos e que o isolamento mesmo que pequeno surtiu efeito para diminuir, mas não acabar com o “perigo invisível do vírus SARS-Cov-2”.

No momento iniciamos pesquisas no hospedeiro humano do vírus, para que numa nova etapa desta pandemia infinita, possamos ajudar a entender o “Por que algumas pessoas têm formas mais graves de COVID-19?”

Akim Nobre

Apresentação: Possui Graduação em Biomedicina, Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Doenças Tropicais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi aluno de Iniciação Científica do Instituto Evandro Chagas (IEC) entre 2009 e 2013 na Seção de Virologia (SAVIR), atuando no Laboratório de Vírus Respiratórios (LVR) e trabalhando em projetos de pesquisa relacionados ao vírus varicela-zoster (VVZ), coronavírus humano (CoVh) e influenza aviária (AvianFlu). Desde 2013 integra o grupo de pesquisadores do Laboratório de Biologia Molecular e Celular do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, investigando a dinâmica evolutiva e epidemiológica do vírus linfotrópico-T humano (HTLV). Atualmente é servidor da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), compõe o corpo docente da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC), é revisor científico do *Brazilian Journal of Infectious Diseases* (ELSEVIER) e membro da Academia Paraense de Biomedicina (APBM).

Local de Trabalho: Universidade Federal Rural da Amazônia

Em tempos totalmente atípicos vividos no passado a sociedade buscou se reinventar, adaptar-se ao contexto como um instinto de sobrevivência. Não obstante a isso, estamos atravessando mais um desses períodos, definido por uma sigla tão forte quanto os seus impactos: COVID-19. Tudo o que julgávamos conhecer, por analogia a outros agentes infecciosos, mostrou-se quase desprezível perto de tantas informações novas, seja no campo epidemiológico, etiopatogênico ou imunogenético do SARS-Cov-2.

Uma das mais radicais mudanças que estamos presenciando é a forma de aprender-ensinar, obrigando até os mais céticos quanto ao quesito tecnologia a utilizarem ferramentas online de ensino-aprendizagem. Dividir o tempo, tentar absorver essa avalanche de informações são apenas alguns dos obstáculos enfrentados, desde o ensino básico até o universitário.

O Biomédico, sempre presente em todas as vertentes de atuação, tem buscado divulgar suas descobertas científicas acerca deste vírus, quer seja pela escrita de artigos, lives, redes sociais ou até mesmo pela produção de conteúdo para as próximas gerações, tal qual o exemplar lido neste exato momento.

Portanto, deixamos aqui registrado que a luta tem sido árdua, mas, os primeiros sinais de esperança têm surgido a partir de uma vacina que tem se mostrado eficaz. Esperamos que, ao ler este texto, você perceba o quão desafiador tem sido este momento, porém, seguimos na luta por dias melhores, utilizando a Biomedicina como nossa principal aliada.

Andrea Cristina Guedes Costa

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade federal do Pará (2003). Pós graduação em Microbiologia pela Universidade Federal do Pará (2008). Membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Local de Trabalho: Microbiologista no Laboratório da Unimed.

2020 jamais será esquecido. Alerta de um vírus que começou do outro lado do planeta: China. Espalhou-se de forma exponencial por todos os países, deixando autoridades internacionais alarmadas. Tão logo chegou ao Brasil, o que parecia tão distante, transformou-se em uma realidade amedrontadora: hospitais lotados, internações esgotadas, falta de respiradores, tratamentos empíricos, Lockdown; cidades obrigadas a parar. Isolamento social: não pode estar perto de quem se ama, não pode abraçar, não pode beijar e principalmente, não pode estar perto de quem estava doente e que talvez a gente nem pudesse mais ver. Tempos difíceis demais pra lembrar que a vida é realmente um sopro, que o amor tem que ser agora e que um vírus por mais minúsculo que seja pode acabar com tudo e sem ao menos termos a chance de defesa..

Angelita Silva de Miranda Corrêa

Apresentação: Biomédica (UFPA), Mestrado em Biologia dos agentes infecciosos e parasitários (UFPA), Doutorado em Biologia Celular (UFPA); Residência Multiprofissional em Atenção à Clínica Integrada (UFPA), é integrante da APBM.

Local de Trabalho: atualmente Servidora na Fundação HEMOPA exercendo suas atividades no setor da qualidade.

Como Biomédica atuando no Setor da Qualidade da Fundação Centro de Hemoterapia do Pará (HEMOPA), vi o impacto da Pandemia em relação a captação dos doadores, tivemos uma queda do número de voluntários, pelo medo de saírem de casa, mas a necessidade dos hemocomponentes permanecia, fato que preocupava. Com essa diminuição, a GECCOQ (gerência do controle de qualidade), também foi afetada no número do percentual para análise, já que não podíamos “prender” bolsas para nossas análises por muito tempo. A Hemorrede (a qual engloba os interiores- Tucuruí, Abaetetuba, Capanema, Castanhal, Altamira, Redenção, Marabá e Santarém) teve queda acentuada no número de voluntários para doar sangue.

No início, a Fundação afastou os servidores do grupo de risco, outros foram afastados por testarem positivo para COVID-19, e assim alguns laboratórios foram se adaptando a quantidade reduzida de servidor. Ainda se conhecia pouco do vírus, e todos estavam muito assustados. Depois, começamos a trabalhar no sistema de escala/rodízio, para evitar a aglomeração nos laboratórios. E agora, todos já voltaram aos horários normais. Acompanhei alguns colegas da Fundação que perderam entes queridos para o Covid-19, o clima não era nada confortável.

Eu mesma, fui afastada um período da Fundação, pois tive crise de ansiedade e depressão, o medo do novo vírus chegar até minha casa tomou conta de mim, pois tenho um filho transplantado de medula óssea e uma filha asmática. Por um tempo, me senti segura, mas depois vi que precisava sair, atuar, ocupar a mente e vê que apesar de tudo, a vida continuava, que tinha que me reinventar e aprender a viver o novo normal. E assim eu fiz, voltei para o HEMOPA.

Hoje vemos que o número de voluntários a doador de sangue está subindo, as pessoas estão se sentindo mais seguras e isso vem contribuindo para que muitas outras vidas possam ser salvas.

Tenho acompanhado o crescente número de pessoas que tiveram Covid-19, ficaram boas, e estão vindo doar Plasma, para o uso em pacientes que não respondem ao protocolo de tratamento contra o SARs-Cov-2.

Nos reinventamos, as doações começaram a terem horários marcados, mas a busca e a luta para salvarmos vida nunca parou. E assim, seguimos.

Antônio Carlos Rosário Vallinoto

.Apresentação: Professor Titular da Universidade Federal do Pará. Graduiu-se em Biomedicina pela UFPA (1993). Concluiu o Mestrado em Ciências Biológicas (Área de Genética e Biologia Molecular) pela UFPA (1996). Obteve o título de Doutor em Ciências Biológicas (Área de Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários) pela Universidade Federal do Pará em 2001. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 1C. É membro Titular da Academia Paraense de Ciências e Patrono da Cadeira de número três da Academia Paraense de Biomedicina. Ministra aulas nas disciplinas Imunologia e Epidemiologia Molecular, em nível de graduação e pós-graduação. Chefia o Laboratório de Virologia da UFPA onde desenvolve pesquisas nas áreas de Epidemiologia Molecular e Imunogenética, com ênfase em infecções virais (HIV, HTLV, HCV, HBV, JCV, BKV, HHV-8, e outros) e bacterianas (*Chlamydia trachomatis*, *Chlamydia pneumoniae* e *Treponema pallidum*). Exerceu o cargo de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (nota 6, CAPES) do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, por dois mandatos, no período de Janeiro de 2004 a Dezembro de 2008. Ocupou o cargo de Diretor de Pesquisa da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPA no período de janeiro de 2009 a janeiro de 2015. Aprovado em 2015 em concurso público para o cargo de Professor Titular-Livre (Processo 018894/2015-21; Edital 277/2014; DOU no.158/2015).

Local de Trabalho: Universidade Federal do Pará

Durante a pandemia de COVID-19 participei da elaboração de três artigos científicos sobre COVID-19. O primeiro foi uma revisão sistemática da literatura sobre o impacto das variáveis climáticas temperatura e umidade na transmissão do vírus. O segundo artigo foi uma carta ao editor demonstrando a importância de estudos de soroprevalência na vigilância da Covid-19 em comunidades da Amazônia brasileira. O terceiro artigo mostramos a ocorrência de diferentes epidemias de Covid-19 nas capitais brasileiras. Nesse período coordenei um projeto de pesquisa intitulado “Estudo de prevalência, de vigilância epidemiológica e de biomarcadores da infecção por SARS-CoV-2 em áreas urbana e indígena no Estado do Pará”, o qual foi recém aprovado na chamada pública Chamada MCTI/CNPq/CT-Saúde/MS/SCTIE-Decit Nº 07/2020 Pesquisas para Enfrentamento da Covid-19, suas Consequências e Outras Síndromes Respiratórias Agudas Graves. No projeto avaliamos a prevalência da infecção por SARS-CoV-2, os aspectos epidemiológicos de risco para a exposição ao vírus em comunidades de diferentes estratos populacionais localizados no Estado do Pará (Brasil), correlacionando com marcadores virais e da resposta imunológica e inflamatória da COVID-19. O projeto será multicêntrico, com apoio de diferentes grupos de pesquisa da Universidade Federal do Pará, Instituto Evandro Chagas e da Universidade do Estado do Pará.

Berenice Maria Tavares da Silva Guerra

Apresentação: Biomédica pela Universidade Federal do Pará, foi responsável pelo setor de Urinálise e coordenou o Treinamento do Sistema de Gestão da Qualidade do Laboratório de Patologia Clínica Amaral Costa. É membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Neste momento, me fortaleço na oração para que nossos parentes, amigos e inimigos não passem por esta viremia do COVID-19. Acho que não é fácil nem simples. Não tem finitude e precisaremos por muito tempo nos readaptar ao novo modo de viver: Sendo sempre humanos na essência da palavra, menos consumista e atento às necessidades dos outros. "O vírus foi tão "justo" que não escolhe a quem atinge, pode ser você com seu entendimento da ciência ou qualquer outra pessoa no centro ou na periferia. O vírus, mutante ou não, expõe as nossas futilidades quando reclamamos de nossas casas ("prisões") com ar condicionado e assistindo TV fechada. Teremos vergonha se tivermos aprendido que o que a mão direita faz, a esquerda não pode saber, mas precisamos fazer, não por nós, mas por quem nem esperava que um dia fizéssemos. Que Deus continue a nos abençoar e a nos ensinar, sem precisar nos afastar tanto de nós mesmos para que um dia possamos retornar e nos orgulhar do que fizemos.

Caio Denani

Apresentação: Biomédico formado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Mestre em Química Biológica formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente exerce função de biotecnologista no Laboratório de Tecnologia Viroológica (LATEV) de Bio-Manguinhos (Fiocruz) e de Professor de Ensino Superior no Centro Universitário UniCBE e no Mestrado Profissional em Tecnologia de Imunobiológicos (MPTI) do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz). No LATEV, atua no Projeto Vacina Inativada e Purificada da Dengue (DPIV) como operador do ensaio de uPRN e como usuário-chave do ScanLab. Na UniCBE, ministra aulas nas disciplinas de Bioquímica, Bioquímica Clínica, Biologia Celular entre outras. No MPTI, é professor e coordenador da disciplina de Bioquímica Aplicada ao Desenvolvimento de Produtos Biotecnológicos Direcionados à Saúde Humana. Na área das ciências biológicas experimentais, possui experiência em técnicas de microscopia confocal, técnicas avançadas de espectroscopia no microscópio, técnicas de biologia molecular e bioquímica, micro neutralização sorológica e cultivo celular. Nas áreas de educação e ensino, desenvolve projeto de pesquisa sobre as práticas transdisciplinares e a interação entre estudantes e professores para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizado. Nessa área, tem se aprofundado em técnicas inclusivas e transdisciplinares de ensino, as quais vem sendo aplicadas em contextos de educação ambiental e popularização científica.

Meu nome é Caio, tenho 30 anos, sou biomédico e desde 2010 trabalho com Virologia. Nos últimos 4 anos tenho atuado em uma renomada instituição de saúde pública no Rio de Janeiro, participando de projetos internos e externos de Desenvolvimento Tecnológico (DT), principalmente envolvendo ensaios sorológicos e investigação de atividade antiviral de compostos. E foi neste ano de 2020 que a minha trajetória profissional ganhou ainda mais contornos de realidade em relação à situação de pandemia em que vivemos.

Todos recebemos alarmados a notícia, ainda no final de 2019, que a China passava por uma aparentemente grave situação de saúde pública. Com números a cada dia maiores, os casos de uma nova síndrome respiratória – que naquele momento assemelhava-se mais a quadros isolados de pneumonia – assustavam os chineses, mas pareciam distantes de nossas terras tupiniquins.

Contudo, quando os primeiros casos chegaram ao Brasil, já com a designação de COVID-19, nossa população começou a perceber que não seria uma epidemia restrita à Ásia, como visto em outras oportunidades. A nova realidade imposta – com o uso cada vez mais compulsório de máscaras faciais e reforço na orientação para higienizar bem as mãos – até então parecia algo passageiro, com o qual conviveríamos por um ou dois meses antes de tudo voltar ao normal. Não foi bem o que aconteceu.

As máscaras faciais, há tempos adotadas em países da Ásia em épocas epidêmicas ou gripes sazonais, revelavam-se incômodas, desconfortáveis e impessoais, sobretudo para os calorosos hábitos coletivos do brasileiro. O distanciamento social e a restrição de contatos físicos, como abraços e apertos de mão, estressavam a todos – e continuam incomodando. Porém, em meio a essa situação incomum e desagradável, vi-me frente a uma oportunidade interessante: um projeto do laboratório aonde atuo, em parceria com institutos e empresas externas, visando ao desenvolvimento de máscaras faciais antivirais.

Obviamente os detalhes do projeto são sigilosos, porém a experiência que eu gostaria de compartilhar refere-se a como me senti participando de uma iniciativa que impactaria em algo tão atual na vida dos brasileiros: o uso das máscaras. Após meses de testes para investigar as atividades de vários candidatos a compostos antivirais, obtivemos êxito em nosso estudo, e as empresas parceiras passaram a produzir as máscaras contendo os elementos que inativavam o novo coronavírus.

Assim como aconteceu durante outros estudos dos quais participei, chegar a conclusões positivas trouxe uma sensação agradável, uma satisfação pessoal, a sensação de que o trabalho foi bem executado. Porém, nesse caso, a experiência que relato tem trazido também outro sentimento. Sentimento de que nós, como biomédicos, possuímos em geral uma formação bastante ampla, e ao mesmo tempo, que possibilita dominar diversos grupos de conhecimentos da área da saúde. Sentimento de que nós, como biomédicos, temos uma enorme capacidade de impactar positivamente na vida do cidadão brasileiro, utilizando todo o conhecimento que adquirimos. E o sentimento de que nós, como biomédicos, fizemos um juramento de que cumpriríamos “com zelo e probidade as atividades inerentes a nossa profissão”, e por isso, temos o dever de devolver à sociedade brasileira, na forma de conhecimentos e ações, tudo o que foi investido em nossa formação.

Por fim, gostaria de mencionar que, com todos os percalços pelos quais ainda estamos passando, conforta-me saber que nós, como biomédicos, temos contribuído de maneira decisiva para a promoção e a manutenção da saúde da população brasileira. Pessoalmente, acredito que nós, como sociedade, sairemos mudados dessa Pandemia, em alguns aspectos nos tornaremos mais receosos, em outros nos daremos conta da importância de vivermos momentos felizes ao lado daqueles que amamos. Certo mesmo, ao meu ver, é que essa Pandemia está fazendo nossa sociedade evoluir, sair da sua zona de conforto, e cabe a cada um de nós extrair dessa situação os melhores ensinamentos, para que caminhemos sempre na direção do aprendizado e do crescimento.

Carla Cristiane Baía Silva

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1999) e pós-graduação em Análises Clínicas com ênfase no diagnóstico de doenças tropicais pela Universidade Federal do Pará (2002).

Local de Trabalho: Atualmente é Biomédica da Prefeitura Municipal de Belém e Técnica em pesquisa e investigação Biomédica do Instituto Evandro Chagas.

Como Biomédica no segundo maior Pronto Socorro Municipal de Belém, vi a chegada da Pandemia com muito medo, medo por minha família, por mim, por meus colegas de trabalho. E ela chegou, de forma avassaladora como já vinha acontecendo em outros países, vi famílias devastadas aguardando notícias, implorando por leitos, colegas adoecendo dia após dia, vi corredores com corpos aguardando vaga no necrotério. O que parecia distante, estava ali no nosso meio, invisível e implacável. Mas também vi guerreiros lutando por vidas (no nosso Laboratório, os técnicos de laboratório desempenharam um papel fundamental), lutando com as armas que tinham, contando com doações, porque faltaram muitas dessas armas, porque houve descaso do poder público, mas mesmo com muita dor no caminho, a batalha foi contornada, infelizmente ainda não vencida, mas temos a esperança de que um dia esse passe a ser um capítulo da história da humanidade que ficou pra trás e que muitos ensinamentos tenham tirados dele.

Carlos Alberto Marques de Carvalho

Apresentação: Biomédico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Análises Clínicas e Biologia Molecular, mestrado e doutorado em Bioquímica e Biofísica e pós-doutorado em Virologia pelo Instituto Evandro Chagas. Professor da Universidade do Estado do Pará e do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, com experiência no estudo de interações vírus-célula e no desenvolvimento de estratégias antivirais. Integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Biologia Parasitária na Amazônia. Membro da Academia Paraense de Biomedicina e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Local de Trabalho: Universidade do Estado do Pará e Centro Universitário Metropolitano da Amazônia.

Em atendimento à ação estratégica do Ministério da Saúde para enfrentamento do novo coronavírus, concluí com êxito a capacitação nos protocolos de manejo clínico da COVID-19 ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com o Hospital Santa Marcelina. Por meio de uma cooperação técnica da Universidade do Estado do Pará com a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, participei como primeiro autor de um estudo publicado em maio de 2020 no servidor bioRxiv mostrando que a proteína lactoferrina exerce significativa atividade inibitória in vitro sobre a infecção do SARS-CoV-2, agente etiológico da COVID-19. Além disso, atuei em iniciativas de divulgação científica relacionadas ao contexto pandêmico como colunista do quadro de ciência e saúde da Rádio CBN Amazônia Belém e como palestrante de webinários sobre o novo coronavírus promovidos pela Universidade Federal Rural da Amazônia e pela Universidade Federal do Pará. Na qualidade de coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, pude ainda garantir a tramitação prioritária dos protocolos de pesquisa relacionados à COVID-19, considerando a premência das iniciativas voltadas a ampliar o conhecimento sobre a epidemiologia, o diagnóstico, o tratamento e a inibição da propagação da doença no território brasileiro.

Celio Amoêdo de Melo

Apresentação: Graduado em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará UFPa (1999), possui especialização em Citologia Clínica pelo Centro de Ensino Superior do Pará CESUPA (2000). Mestrando em Análises Clínicas, no programa MACPRO UFPA. Delegado na região Norte pela Sociedade Brasileira de Citologia Clínica (SBCC) - Pa. Atualmente é professor de graduação e coordenador de pós-graduação Lato Sensu em Citopatologia Clínica com ênfase no trato genital feminino do Centro Universitário FIBRA; Professor colaborador da Escola Técnica do SUS - Dr. Manoel Ayres, Docente na Escola Superior da Amazônia - Esamaz. Tem experiência em Ciências Biomédicas, com ênfase em Citomorfologia, atuando nas seguintes áreas: Citologia Clínica, Gestão em Saúde, desenvolvimento de Tecnologias Educacionais Digitais e Docência em Ensino superior.

Local de Trabalho: Centro Universitário Fibr e Faculdades Esamaz

Foi tudo muito assustador e numa velocidade grande, em 24 h depois de confirmado o primeiro caso de covid-19 em Belém, tivemos que nos adaptar a uma vida totalmente diferente da qual vivíamos. De repente nos vimos trancados em casa e com um medo eminente da morte.

Sou Biomédico e professor de citopatologia, trabalho em duas instituições de nível superior: Centro Universitário Fibr e Faculdades Esamaz.

Minha maior dificuldade foi transformar aulas presenciais teóricas e práticas em aulas remotas em tempo recorde com o cuidado sempre de manter a qualidade para formação de futuros profissionais Biomédicos.

Todos os recursos eram novos, plataformas de ensino e videoconferências, onde necessitei de horas triplicadas de estudos e trabalho para essa adaptação.

A sala da minha casa se transformou em uma verdadeira sala de aula ao som de ambulâncias que passavam soando suas sirenes em curtos espaços de tempo.

Foram dias difíceis de muitas angústias e medos, com perdas de familiares, alunos e amigos próximos.

O distanciamento social me deixou muito angustiado, porém utilizei recursos de vídeo para minimizar a saudade dos meus familiares idosos.

Quase quatro meses após o início da pandemia, ainda mantenho todos os cuidados necessários, tentando viver o "novo normal" com cautela e na esperança do surgimento da sonhada vacina.

Dafne Mendonça

Apresentação: Biomédica formada pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2006), com mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários nesta mesma universidade (2012). Atuou como biomédica nos laboratórios Amaral Costa, Dr. Guilherme Guimarães e UNIMED (2006 – 2010). Foi professora do Curso de Biomedicina da Escola Superior da Amazônia - ESAMAZ (2012-2014). Atualmente, está finalizando seu segundo mestrado (Diagnóstico Molecular para sua Aplicação no Laboratório Clínico e na Investigação) na Universidad Santo Tomás (Chile) e é aluna de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas da Pontificia Universidad Católica de Chile.

Local de Trabalho: Laboratório de Virologia Molecular da Pontificia Universidad Católica de Chile.

Minha expectativa para o ano de 2020 era de mudança de vida, pois 2019 havia terminado com grandes vitórias, aprovação em um doutorado de alto padrão e agraciada com uma bolsa de estudos frente a uma seleção de alta exigência e competitividade, que finalmente me estabeleceriam profissionalmente no Chile. Em fevereiro, pude comemorar essas conquistas ao lado da família e amigos pois me encontrava de férias no Pará. Ignorava que essa mudança de vida também se suscitaria a nível pessoal e social. A pandemia no Brasil e na América Latina como um todo só começou a despertar preocupação em meados de março. Aqui no Chile, o semestre acadêmico começa neste mês, tivemos somente uma semana de aula presencial. A Universidade foi fechada, a entrada proibida em todos os laboratórios de investigação, aulas práticas suspensas, todas as aulas teóricas ministradas de maneira online e somente os laboratórios envolvidos com o diagnóstico da COVID19 tinham o funcionamento habilitado. Várias partes do país entraram em quarentena obrigatória e foi estipulado toque de recolher, o que significava que a circulação de pessoas estava restringida, sendo permitida somente com solicitação de Licença em Instituição de Carabineiros (polícia chilena) e com o limite de duas por semana, a exceção de motivos de saúde. Aulas do doutorado, inúmeros exercícios e pré-projetos solicitados me mantiveram bem ocupada no primeiro semestre. Apesar de ser um curso bastante rigoroso, minha principal preocupação não estava aqui, estava aí, no Brasil, em Belém. Família e amigos que fazem parte do grupo de risco, como minha mãe e irmão mais novo, ou que estavam continuamente expostos a pessoas enfermas, profissionais da saúde como meu irmão Eduardo, ou que faziam parte dos dois grupos como meu obstinado pai (parece que a idade está proporcional e diretamente associada a teimosia). Longe, o único que podia fazer era alertar, informar e divulgar conhecimento científico sobre a infecção por SARS-Cov2 com a intenção de fazer parte dessa força conjunta que tenta continuamente diminuir o número de contágios, de alguma maneira contribuir para a conscientização da população e assim evitar que seres amados façam parte das estatísticas.

É verdade que poucas são as rosas e que 2020 veio com excesso de espinhos, mas preciso destacar que esta situação me permitiu participar de reuniões das quais em circunstâncias prévias ao recomendado distanciamento social eu estaria excluída. Ressaltar o aniversário on-line de 1 aninho do meu sobrinho, as aglomerações virtuais dos chás de bebê de minhas amigas Di e Paulinha, as reuniões familiares que nos conectam e se tornaram mais frequentes neste contexto. Laços que a distância não desfaz e prova de que esta é um mero detalhe quando a conexão é de almas e não somente de corpos.

Daniele Regina da Silva Fernandes

Apresentação: Tem formação em Bacharelado em Biologia Modalidade Médica (Biomedicina) e Mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários, ambos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e ainda Especialização em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) e Aperfeiçoamento em Docência Clínica e Preceptoria pela Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Tem experiência em genética humana e médica, biologia celular e molecular, parasitologia, bioquímica, diagnóstico e gestão laboratorial, saúde e segurança no trabalho e saúde pública. Membro Titular da Academia Paraense de Biomedicina (APBM).

Local de Trabalho: Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará(UFPA) no Campus Universitário de Altamira, sendo coordenadora do eixo de ensino Prática de Integração Ensino, Serviço e Comunidade (PIESC).

Escrevo no momento em que espero o resultado do meu RT-PCR. Depois de pouco mais de 4 meses de quarentena em Altamira cheguei em Belém no último dia 20/07 e no dia 30/07 comecei a ter sintomas. A pandemia trouxe cenários diversos e muito pessoais. No dia 19 de março, quando as aulas foram suspensas, não tínhamos 2 semanas de retorno e eu estava como todo início de semestre: às voltas com a organização final do eixo de ensino que coordeno, com muitos imprevistos que acarretaram em mudanças em cima da hora, problemas com matrículas no CIAC. Além disso, ainda havia 2 disciplinas de pós-graduação em andamento. A pergunta foi: e agora, o que fazer? Muitos decretos, dúvidas e impossibilidade de aulas remotas. As consequências: crises de ansiedade, piora de uma insônia já crônica, um estado depressivo, que já me acompanha a quase 2 anos, piorado e a impossibilidade de sair de Altamira. Com ajuda profissional em pouco mais de 1 mês consegui me adaptar ao que estava acontecendo. A partir daí pude voltar a orientar meus alunos remotamente, conseguimos publicar um artigo e dei início a outros. Nesse meio tempo também comecei a acompanhar lives de diversas escolas médicas, que continuaram com suas atividades de forma remota, a fim de refletir sobre o ensino nesse formato. No aguardo de notícias sobre como será o futuro, no que tange as atividades acadêmicas da UFPA, penso que o que me espera será novo e de mais adaptações. Embora sinta uma imensa falta da minha rotina de trabalho, dos alunos e dos colegas e trocas diárias, penso que a realidade da universidade é bem complexa e precisa ser muito bem planejada a fim de que ninguém saia prejudicado ou pelo menos não muito. Embora esteja professora a quase 13 anos durante muito tempo trabalhei como biomédica e nesse período de pandemia percebi o quanto sinto falta de ser uma e por conta disso também dei muita atenção a notícias da área. Um semestre cancelado, planejamentos para um possível retorno no formato remoto, incertezas.

São quase 5 meses de distanciamento social e penso que ainda há muito para se adaptar para uma volta às aulas. Com certeza será um grande desafio tanto profissional como pessoal: como lidar com essa nova realidade? Muitos cenários: alunos e/ou colegas de trabalho que podem ter perdido parentes e/ou amigos, medo de contaminação, como conduzir aulas práticas com segurança? Em Altamira já temos uma enorme dificuldade de adaptação dos alunos que estão longe da família e sofrem bastante. Como faremos? Ou melhor, será possível fazer? Talvez com muita dificuldade. Só o futuro dirá.

Danielle Socorro dias Sampaio

Apresentação: Formação em Biomedicina.

Chamo-me Danielle, biomédica, trabalho na área de análises clínicas, setor de urinalise. Como profissional da área, ainda que não diretamente na linha de frente, mas contribuindo com diagnóstico para pacientes, muitas vezes acometidos com problemas renais, ou complementares na investigação. Senti-me apreensiva, quando tudo começou.

Em meados de março, quando tudo ainda era uma interrogação, começamos a perceber a gravidade, quando tudo começou a fechar suas portas, e tudo passou a ser real desde então. Vimos pessoas perdendo seus amigos e parentes, para um vírus ainda pouco conhecido, e nos dando conta da realidade do que estava por vir, hospitais superlotados, profissionais esgotados, pois não estávamos preparados para esse pânico. Eram notícias desencontradas, afinal era tudo novo, algo ainda a ser desbravado. Abril chegou e com ele veio também angústia em meio a tudo isso. Minha filha eu, pegamos no meio dessa pandemia, H1N1, o desespero tomou conta, pois não haviam leitos, e os sintomas meio que confundiam com a COVID; abril parecia não ter fim, pois era isolamento e ainda a incerteza diante do caos que se instalava em Belém.

Quando maio chegou, foi hora de erguer a cabeça e enfrentar o medo de sair de casa depois de tantos dias isolada em minha residência e retornar ao trabalho, confesso que foi o trajeto mais longo da minha vida, pois a cidade já não era a mesma, com trânsito e pessoas pelas ruas, o que víamos se assemelhava a uma cidade fantasma, daquelas de filme; farmácias com filas intermináveis em busca de um antídoto, mesmo que fosse um alento para a alma que fizesse acreditar que funcionaria de alguma forma. Sons perturbadores de ambulâncias na rua, com suas sirenes intermináveis, que doíam na alma. Vi colegas de trabalho doendo, colegas que perderam seus parentes, sem poder ao menos dizer um Adeus e despedir de forma habitual. A rotina não era mais a mesma, os EPIs nunca foram tão importantes, e mais valorizados neste momento.

Junho veio e a dúvida ainda pairava, de quanto tempo mais teríamos que esperar, para poder voltar a "normalidade", mas será que um dia voltaríamos a normalidade? Julho foi embora, e com ele trouxe uma luz de esperança, estavam reduzindo o número de óbitos, mesmo que pouco, mas estavam; retomaram algumas atividades que antes estavam proibidas, a medida que os casos diminuía. Hoje já chegamos à metade de 2020, tantas famílias separadas por essa pandemia, umas separadas por dez, quinze dias, meses, e outras que infelizmente foram separadas por dias, anos, intermináveis.

Sairemos vencedores desta luta, uns mais fracos psicologicamente, outros fisicamente, mas sairemos nos abraçaremos brevemente. Espero que possamos tirar uma lição de tudo isso; de sermos seres humanos melhores, que possamos olhar com mais cuidado nosso idosos, crianças, amigos, família. Olhar para nossa saúde, que antes estava ali esquecida. Depois que tudo isso passar, espero poder abraçar e dizer o quanto é bom ter você aqui.

Venividivici

Carlos David Araújo Bichara

Apresentação: Mestre em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários/ICB/UFPA. Doutorando em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários ICB/UFPA. Biomédico formado pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Patologia Clínica SBPC/AMB. Especialista em Saúde Pública/UNAERP/SP. Especialista em Administração dos Serviços de Saúde/UNAERP/SP. Professor do curso de Medicina da Unifamaz, Diretor científico da Sociedade Brasileira de Autoimunidade, Responsável pela Seção de Autoimunidade do Laboratório Amaral Costa, Presidente da Academia Paraense de Biomedicina, Fundador da Rede Paraense de Parasitologia, Fundador da Rede Brasileira de Toxoplasmose, Fundador do Museu da Medicina do Pará, Fundador do Museu Paraense de Biomedicina, Editor da Coluna Medicina Liberal do Jornal O Liberal, Experiência na área de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial, atuando principalmente em autoimunidade, microbiologia, parasitologia e Medicina de Precisão.

Local de Trabalho: Amaral Costa Medicina Diagnóstica

Estava em viagem para Colômbia no mês de março de 2020 e quando cheguei no Brasil a pandemia pelo novo coronavírus já havia causado várias mortes. Em Belém apareceram os primeiros casos e devido estar no grupo de risco fiquei em auto quarentena.

Nos primeiros momentos ficava acompanhando as notícias pela televisão e jornais, além de pesquisar nos site do CDC, OMS, FDA, AACC, ANVISA, Ministério da Saúde, e Secretária Municipal e Estadual da Saúde, e acompanhar as redes sociais para entender melhor o panorama sobre a doença e o comportamento das pessoas.

Quando os resultados dos primeiros testes de RT-PCR e de sorologias começaram a sair, podemos verificar uma série de dúvidas de pacientes e médicos em relação a interpretação dos resultados dos exames.

A partir deste momento minha filha Carla e esposa Cléa Bichara me incentivaram a realizar uma live com a finalidade de prestar esclarecimentos. Tivemos mais de 1000 participantes, e como resultado da grande repercussão fomos convidados a realizar outras lives a convite da Pontífice Universidade Católica de Goiás PUC (GO), Secretaria de Saúde de Breves, Secretaria de Saúde de Almeirim, para médicos cooperados da Unimed Belém e uma live com o convidado internacional Dr. Carlos von Muhlen.

Participamos de um curso promovido pela Unifamaz sobre a Covid-19, onde falei sobre o diagnóstico laboratorial, e do curso promovido pela Liga Acadêmica de Medicina de Precisão, 4 horas de Covid-19 e preparei uma aula sobre o diagnóstico laboratorial da Covid-19 que foi disponibilizada para todo o Brasil, com atualização constante das mudanças propostas pelas instituições nacionais e internacionais.

Durante todo o primeiro semestre de 2020, continuamos nossa atividade como professor do curso de medicina da Unifamaz, ministrando aulas de modo virtual.

Particpei de uma pesquisa sobre Covid-19 realizada por pesquisadores do Canadá e de um trabalho publicado em revista internacional de um grupo de dermatologistas de São Paulo com o tema: COVID-19 PANDEMIC: SAFETY RECOMMENDATIONS FOR THE DERMATOLOGIST'S RETURN TO PRACTICE.

Gravei um episódio de podcast para Rádio SBU – Sociedade Brasileira de Urologia sobre o tema Covid-19, participei do programa da TV Cultura Sem Censura Pará e dei entrevistas para os Jornais O Liberal, o Diário do Pará, Brasil de Fato e várias entrevistas na Rádio CBN Amazônia.

Durante a pandemia, diariamente realizava publicações no instagram, e no facebook pessoal e da Academia Paraense de Biomedicina sobre as atualizações dos testes laboratoriais utilizados no diagnóstico da Covid-19, além de outros assuntos relacionados aos SARS-CoV-2. Além de utilizar o telefone e WhatsApp o dia todo para esclarecer dúvidas de pacientes e médicos.

No mês de junho, voltei a trabalhar e acompanhei mais de perto os testes utilizados no diagnóstico e os demais exames para o acompanhamento dos pacientes acometidos pela doença.

Em julho, comecei a participar do grupo no facebook “Clube Covid-19” criado pelo Dr. Carlos Von Muhlen com a finalidade de prestar esclarecimentos sobre Doença Prolongada por Covid-19.

Tive também a oportunidade de ser palestrante do 9º Congresso Norte-Nordeste de Medicina Laboratorial, abordando o tema: Atualização no Diagnóstico da Covid-19.

E depois de estar vivenciando todos os problemas inerentes a pandemia, tomei a decisão de fazer minha tese de doutorado sobre a Covid-19.

E finalmente idealizei o “Projeto Relatos da Pandemia na Visão dos Biomédicos” com a finalidade de deixar marcado na história do Pará, a grande contribuição da categoria no enfrentamento a Covid-19.

Debora Pinto de Souza

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Escola Superior da Amazônia (2012) e MBA em Gestão e Auditoria em Sistemas de Saúde pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação (IPOG).

Local de Trabalho: Atualmente é preceptora do curso biomedicina da Universidade Ceuma e analista biomédica na Unidade Mista do Bequimão.

Durante esse período de pandemia, eu me encontrava morando fora da minha cidade natal (Belém) e longe de qualquer familiar. Acompanhando as informações e como o vírus ia evoluindo e sendo entendido, logo minha fonte de preocupação foram meus avós em especial, meu avô que era renal crônico e necessitava sair de casa pelo menos três vezes por semana para sua hemodiálise. Passado o primeiro mês de pavor a distância, chegou a notícia de que meus avós estavam com sintomas gripais e uma semana depois davam entrada no hospital, sem acompanhantes, sem notícias, com boletins médicos desconhecidos. Foram dias de muita agonia para toda a família e eu como profissional da área da saúde entendendo toda a gravidade da situação e assimilando tudo sozinha, até o dia da alta da minha avó e um dia depois a notícia do falecimento do meu avô José Ribamar Pinto. A perda da figura paterna que tinha me motivou a querer ajudar ao próximo com o que tenho de mais nobre que é o amor à profissão, e desde então estou trabalhando na linha de frente de uma unidade de prontoatendimento municipal, ajudando a quem precisa e evoluindo quanto profissional biomédica, motivo de muito orgulho para meu avô. Infelizmente foram separadas por dias, anos, intermináveis.

Eduardo José Melo dos Santos

Apresentação: Biomédico (CRBM4-426), possui graduação em Bacharelado Em Biologia Modalidade Médica pela Universidade Federal do Pará (1990), mestrado em Ciências Biológicas (Genética) pela Universidade de São Paulo (1992), doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará/Universidade do Ruhr, Bochum, Alemanha (1999), pós-doutorados no National Cancer Institut, USA (2009) e Universidade de Liverpool, UK (2015). Docente desde 1992, atualmente é professor titular do Instituto de Ciências Biológicas, UFPA. Tem experiência na área de Genética, com ênfase em Genética Humana e Médica, atuando principalmente nos seguintes temas: genética de populações, imunogenética humana e evolutiva, bioinformática, predisposição genética a doenças complexas e genética médica. Bolsista de Produtividade do CNPq (2017-2019). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários e membro da Academia Paraense de Biomedicina.

Local de Trabalho: Atualmente é professor titular do Instituto de Ciências Biológicas, UFPA.

Quatro Cavaleiros

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse - Fome, Guerra, Peste e Morte – fazem parte da mitologia religiosa ocidental, mas tem raízes antigas. Neste texto, inspirado pela pandemia de COVID-19, usarei a simbologia deles, sem uma conotação religiosa, pois considero-a uma fantástica descoberta que integra as dimensões social, política, econômica, ambiental, em saúde e cultural. Esta grande e antiga epifania significa nada mais nada menos que estas quatro faces estão sempre juntas em uma grande crise. Em outras palavras, qualquer crise, onde qualquer um dos “Cavaleiros” é inicialmente observado, sempre terá a participação dos demais “Cavaleiros” restantes. O mais interessante é que, apesar de antiga, ela continua sendo negada ou desconsiderada, principalmente na atual crise da COVID-19.

Historicamente os grandes eventos de Fome em massa mataram cerca de 160 milhões de pessoas, enquanto as Guerras cerca de 320 milhões. Já as Doenças são muito mais impactantes. Apenas algumas doenças infecciosas epidêmicas ultrapassam em muito este número como a Peste Negra (100-250 milhões de mortes), Varíola (300 milhões), Tuberculose (Um Bilhão de mortes), AIDS (30 milhões) e Gripe Espanhola (50-100 milhões).

Porém, a grande revelação desta simbologia pode ser claramente vista historicamente. Doenças, Guerra e Fome sempre ocorreram concomitantemente, como por exemplo a primeira epidemia de Peste Negra na Europa na primeira metade do século XIV que coincidiu com a grande fome europeia e grandes conflitos sociais que levaram à queda do feudalismo, além da guerra dos 100 anos; a Gripe Espanhola na Primeira Guerra Mundial; grandes recessões econômicas e fome decorrentes da Segunda Grande Guerra, durante a qual epidemias de malária dizimaram tropas e, mais recentemente epidemia de poliomielite durante a guerra da Síria em 2017.

De uma maneira geral os índices adotados para medir violência e conflitos em países se correlacionam com índices que medem fome, desigualdade e pobreza, que por sua vez se correlacionam com a incidência de doenças infecciosas.

A grande epifania da COVID-19 foi perceber que ela chegou da mesma forma que as demais epidemias que a antecederam, estimulada por pobreza, fome e uma atmosfera mundial conflituosa, em meio a uma guerra comercial e aumento de polarização política e social com conflito social evidente. Este ambiente foi favorável à desestabilização do sistema de saúde e sanitário que estava impactado com as consequências de desastres ambientais recentes.

Assim, uma vez deficientes as medidas de prevenção e vigilância só nos restou uma resposta improvisada e perdida em contradições que, longe de serem científicas, foram enraizadas em conflitos político-sociais.

Mas um fato se ressaltou. A mitigação da pandemia não é apenas uma ação na esfera da saúde. O enfrentamento de uma doença infecciosa sem tratamento ou vacina se baseia em isolamento/quarentena e suporte hospitalar, que fornecerão tempo para que terapias, testagem e o desenvolvimento de vacinas possam ocorrer.

Para que este enfrentamento ocorra medidas de suporte social e econômico são necessárias juntamente com ações para diminuição de conflito social. O Estado deve se dispor a injetar recursos para dar as condições para que a população possa praticar o distanciamento social e aparelhar o sistema de saúde. Também deve fiscalizar a prática do isolamento e o bom uso dos recursos. Isso envolve redistribuição de renda para classes econômicas menos privilegiadas e revisão das prioridades nos termos de proporção de recursos destinadas a áreas críticas na crise pandêmica, incluindo saúde, pesquisa científica e suporte econômico a setores chave da economia.

Isto leva ao entendimento que “vulneráveis” são pessoas que, por qualquer razão, podem ter maior predisposição a quadros graves e morte por COVID-19 ou qualquer outra doença. Neste grupo estão pessoas que, caso tenham COVID-19 ou outras doenças, não tenham acesso a atendimento médico, leitos em hospitais, UTIs e terapia adequada. Claramente a grande maioria da população de países pobres se encaixa neste perfil.

Toda crise em saúde, meio ambiente ou bélica leva a uma crise econômica, inexoravelmente. Assim, o tamanho da crise econômica mostra o empenho dos governos em combater as crises que a antecederam.

Por exemplo, Chernobyl contribuiu enormemente ou até mesmo foi determinante na quebra econômica da União Soviética. A Peste Negra e a Grande Fome em meados de 1300 foram definidoras da queda do feudalismo na Europa.

No Brasil as duas grandes barragens que romperam há poucos anos atrás geraram uma crise ambiental sem igual que foi abafada e nem de perto afetou a economia, significando uma falta total de comprometimento público, refletido em gastos, com este evento ambiental catastrófico que matou centenas de pessoas e até hoje prejudica milhares (e continuará prejudicando por décadas). Ainda no cenário ambiental tivemos (e temos ainda) o derramamento de óleo que afetou grandes extensões da costa brasileira. Um evento de Ameaça Química imenso. De novo nenhuma crise econômica se seguiu. Ainda podemos citar o permanente e contínuo desastre ambiental que assola a Amazônia, com suas infindáveis queimadas, e mais recentemente os incêndios no Pantanal. Mesmo assim, juntando estes eventos catastróficos, nenhuma crise econômica se instalou ou foi atribuída a eles. Não houve gasto público, logo não houve crise.

Na pandemia vamos ter uma boa dimensão do comprometimento governamental e político. Poderemos comparar a crise econômica dos países e associa-las com o nível de sucesso no combate a COVID-19. O resultado sempre será inversamente proporcional. O custo em vidas será tanto menor quanto maior for a crise econômica pós-COVID-19.

Isto está bem claro para políticos e governantes. Este balanço é obvio nos discursos e ações. Até o momento os gastos foram inferiores ao disponibilizado pelo “orçamento de guerra” aprovado no congresso. Se fala em “sobras” de dinheiro para combate a COVID-19, quando se tenta limitar ou diminuir o valor do auxílio para população de baixa renda. Hospitais de campanha prometidos não foram construídos e outros já estão sendo desativados, mas se fala pouco na realocação destas estruturas e recursos humanos capacitados para o interior onde a COVID-19 está em franca ascensão.

Esta prática representa a expressão sócio-política de um termo chamado “omissão de socorro”, que é sinônimo de uma prática criminosa. Esta prática atinge milhões de pessoas, particularmente os “vulneráveis”. Ela se adequa a um termo usado recentemente por autoridades: Genocídio.

Para concluir mais um preocupante aspecto da crise COVID-19 tem se formado, a sua BANALIZAÇÃO. Uma teórica política alemã, Hannah Arendt propôs um termo que se aplica muito bem a esta nova fase da crise COVID-19, a “Banalidade do Mal”. O “Mal”, aqui representado pela crise, se instalaria na sociedade de forma mais eficiente à medida que ele fosse se tornando banal, sem importância, com pouco valor. Assim, a COVID-19 está se tornando algo normal, uma mera engrenagem. Este vazio exime todos de responsabilidade.

A COVID-19 está passando a ser parte de nossas vidas. Enquanto que ela, uma estranha, causava pânico há poucos meses, com 20 mil mortes registradas, hoje, quase atingindo 100 mil mortes ela parece já não assustar tanto.

Ela agora é parte da sociedade e parece estar sendo tratada como todas as outras partes, sem privilégios, sem responsabilidade. Como a violência, como a corrupção, como a falta de leitos em hospitais, que sempre foi uma realidade, como a falta de acesso à saúde, como o desemprego, desigualdade social e fome.

O processo de banalização da COVID-19 está começando, seguindo o protocolo de todas as outras crises na história, rumo ao esquecimento.

Se algo ficou claro na esteira desta “Cavalgada” foi a relevância da contribuição científica no seu enfrentamento e mitigação. As posturas Genocidas oportunistas agem neutralizando os atores e teatros onde a ciência e o livre pensamento ocorrem e fomentando a banalização da pandemia. Neste momento temos a impressão de ver o vulto de “um Quinto Cavaleiro” em meio à poeira da “Cavalgada”, talvez representando o espírito do que há de pior na Humanidade.

O “Quinto Cavaleiro” sempre esteve conosco. Invisível e banalizado. Tido como normal, aceitável, humildemente e sorrateiramente abrindo as porteiras para os outros Quatro.

Gratidão

Agradeço imensamente a amigos e, principalmente, minha esposa por ouvir minhas ideias e impressões nesse período de pandemia, cuja paciência me permitiu transformar indignação, tristeza e pesar em motivação e busca por entendimento. Luis Cláudio e Kamila, sou muito grato pela revisão do texto, naquele momento final onde já nos encontramos ortográfica e gramaticalmente cegos.

Francirley Pires Teixeira

Apresentação: Biomédico, graduado pela Universidade da Amazônia. Especialista em Coaching e Gestão de Equipes. Foi professor concursado Ensino fundamental e médio do município de Breves - PA de 2009 a 2013, onde também exerceu o Cargo de Comandante da Guarda Municipal daquele município nos anos de 2009 e 2010. É Vice presidente do SINBIESPA (Sindicato Profissional dos Biomédicos do Estado do Pará); Presidente e Fundador da Liga Acadêmica de Imunologia Clínica da UNAMA e foi Coordenador de Apoio ao Estudante do Centro Acadêmico de Biomedicina da Universidade da Amazônia. Exerceu a Monitoria das disciplinas Tópicos Integradores I e II atuando ainda como Assistente da Coordenação do curso de Biomedicina. Foi aluno do Projeto de Pesquisa e Extensão (Iniciação Científica) da UNAMA, tendo sido classificado em 1º Lugar no Processo Seletivo. Desenvolve jogos didáticos, novas tecnologias e metodologias ativas para o ensino de biociências. É aluno do curso de pós graduação em Gestão e Logística Hospitalar. É servidor público da Polícia Civil do Estado do Pará desde 1999, Investigador de Polícia Civil, atualmente lotado na Diretoria de Atendimento ao Servidor (DAS-PC), onde atua no planejamento e gestão de ações de promoção à saúde. Tem experiência na área de Gestão e Tecnologia da Informação, com ênfase em análise de dados e atividades de inteligência, tendo sido lotado na Divisão de Homicídios (DH) e Divisão Estadual de Narcóticos (DENARC). Também é palestrante, orientador de carreiras, comunicador e escritor.

Meu nome é Francirlei Pires Teixeira, ou simplesmente "Frank", tenho 48 anos, sou Policial Civil (Investigador de Polícia) e sou Biomédico. Por quase 20 anos da minha vida profissional como Policial Civil, eu trabalhei na atividade fim, como agente de segurança pública. Fui Investigador em diversas Unidades policiais, inclusive atuando em algumas Delegacias, como Chefe de Operações.

Jamais imaginaria que um dia atuaria como Biomédico policial, porém em abril de 2020, tudo mudou.

Até o mês de abril, eu atuava como Chefe de Operações da Delegacia do bairro Jaderlândia, em Ananindeua - PA, e a pandemia da Covid-19 mudou o enfoque da atuação policial costumeira, com um enfoque mais humanitário.

Em meio a muita desinformação e um número grande de pessoas sem a real noção do perigo que as cercava, o descumprimento das medidas de isolamento e distanciamento social era cada dia maior. Assumimos um papel de orientadores e realizávamos a fiscalização de estabelecimentos comerciais, feiras e locais públicos, sempre orientando quanto as medidas preventivas, uso adequado de EPI, entre outras. Em virtude de os profissionais de segurança pública e defesa social estarem na linha de frente do enfrentamento à pandemia, a exposição era cada vez maior, com o atendimento as ocorrências da população, prisões em flagrante delito, condução de presos, entre outras atividades inerentes a função policial.

Infelizmente, as notícias de morte de policiais, tanto civis quanto militares, chegavam todos os dias, de forma a causar preocupação em todos. Comecei a ser procurado por colegas policiais, inclusive de outras Delegacias, que tinham muitas dúvidas sobre o novo coronavírus, principalmente em como se proteger e suas famílias. E foi aí que percebi que poderia ajudar ainda mais nesse enfrentamento, além do que eu já fazia como Policial, atuando como Biomédico e cumprindo o meu juramento.

Comecei a dar orientações, via whatsapp, em grupos, ou individualmente, a quem necessitasse e em um dos grupos de policiais que eu fazia parte, vi a notícia que a Diretoria de Atendimento ao Servidor da Polícia Civil, realizaria vacinação contra o H1N1 nas dependências da Delegacia Geral. Soube ainda que alguns profissionais de Enfermagem da DAS encontravam-se afastados por causa da pandemia, uns com suspeita e outros doentes.

Então tomei a decisão de me voluntariar para participar da vacinação dos policiais civis. Entrei em contato com o Delegado Geral e lhe relatei sobre a minha formação e capacitação para auxiliar enquanto Biomédico no combate ao Sars-CoV-2. Ele repassou meus contatos para a comissão recém criada para o enfrentamento da Pandemia e assim, nos dias 23, 24 e 27 de abril, juntamente com mais dois amigos voluntários e profissionais da DAS-PC, realizamos a vacinação de centenas de policiais civis e familiares. Foi um momento de muita alegria para mim, poder ajudar a tantos profissionais que se doam todos os dias, e estavam tão expostos.

Após a vacinação, cheguei em casa exausto e febril, com uma forte dor de cabeça. Tomei um banho e um antitérmico, e quando fui jantar percebi que não estava sentindo o sabor dos alimentos. Eu estava com covid-19! Entrei em isolamento para me tratar, tendo apresentado sintomas leves, e quase 20 dias depois, estava bem. No entanto, dezenas de policiais civis já haviam perdido a luta contra o vírus. No período em que estava em isolamento, procurava orientar os colegas, via redes sociais, ou ligando. O pânico estava instalado e todos tinham muitas dúvidas e perguntas. Além das informações referentes a questão biológica, também procurava acalmar a quem me procurava, e falava da importância de mantermos uma atitude de inteligência emocional, calma e controle da ansiedade, e de como isso reflete na recuperação de doenças.

Depois de recuperado, me apresentei ao trabalho na Delegacia do Jaderlândia, onde a maioria dos policiais estavam afastados doentes ou com suspeita. Fui até a DAS realizar um teste rápido para covid-19, e recebi o resultado reagente. Enquanto estava lá, recebi o convite para trabalhar lá como Biomédico, atuando na realização de testagens para covid-19, e outras ações de promoção à saúde, não apenas em Belém, mas por todas as regionais do Estado do Pará. Seria uma oportunidade única de poder conciliar a atuação policial e de Biomédico, e aceitei o convite sem pensar muito.

Hoje trabalho com orgulho na Diretoria de Atendimento ao Servidor da Polícia Civil do Estado do Pará, atuo como Biomédico policial, na área de planejamento, gestão e promoção à saúde, atendendo policiais civis por todo o Pará. Me sinto orgulhoso por ser o único policial civil com formação em Biomedicina, atuando como Biomédico, na Instituição que eu amo. A pandemia ainda não acabou e a nossa luta é diária, cuidando de quem cuida da população. Atuamos nas Unidades policiais, com ações itinerantes de diagnóstico e prevenção às Hepatites virais, diabetes, Hipertensão Arterial, entre outros. Além dos atendimentos na DAS, com testes rápidos de covid-19, orientação e prevenção.

Gergiane Lopes Vaz

Apresentação: Formada pela Universidade Federal do Pará(1998), especialista em microbiologia pela UFPa e em Acreditação em Sistema de Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Membro da Academia Paraense de Biomedicina com experiência em sistema de gestão da qualidade, Auditora interna Palc e ISO9001, Gerente técnica do Amaral Costa – Medicina Diagnóstica.

Local de Trabalho: Gerente técnica do Amaral Costa – Medicina Diagnóstica.

No início da pandemia em nossa região eu estava de férias e achei melhor me isolar com meus filhos no interior. Assim como a maioria das pessoas mundo, pensei primeiramente em proteger a minha família. Após os 30 dias retornei ao trabalho, tomando todas as medidas de proteção necessárias. Sempre achamos que ao realizar todo o protocolo ao chegar em casa estaríamos protegidos mas não foi o que aconteceu e depois de 10 dias peguei covid-19 em minha própria casa. Minha irmã que toma conta de meus filhos apresentou os sintomas mas eu, na época ainda tinha esperança de que fosse apenas um resfriado. Quando ela apresentou falta de paladar e olfato tive a certeza de que ela coronavírus. O desespero vem não em pensar em me contaminar mas ao imaginar que meus filhos e minha mãe poderiam adquirir a doença. Minha mãe é do grupo de risco e o meu caçula era tão pequeno e indefeso que não sabia o que poderia acontecer. Não tive com quem deixar meus filhos, mesmo porque já poderiam estar com o vírus e apenas serem transmissores. Passei a utilizar mascara durante 24 horas por dia em casa, tomei as medidas necessárias para evitar a contaminação mas apesar disso sabia que a chance de não adquirirem a doença convivendo comigo era muito pequena. Não sei se a ciência vai encontrar uma explicação futura ou se foi mais uma interseção divina poissuperando todas as expectativas, minhamãe e meus filhos não apresentaram sintoma algum e conseguimos vencer o vírus sem maiores complicações.

No retorno ao trabalho pude ver quantas pessoas contaminadas entre colegas e pacientes. Apesar do protocolo de biossegurança utilizado pelo laboratório, foram vários funcionários afastados. As unidades de urgência e emergência estavam lotadas e graçasa equipe médica que integra o setor de imagem, foi realizado o acompanhamento dos funcionários suspeitos de contaminação. Nesta época ainda havia grande deficiência de testes para diagnóstico e os médicos utilizavam a tomografia para auxiliar no diagnóstico. No início ouve uma histeria geral, todos muito preocupados e assustados com a possibilidade de contaminação então tentamos, na medida do possível acalmar os ânimos.

O fato de passar pela doença fez com que eu sentisse na pele e me colocasse no lugar dos pacientes pois o covid-19 é uma doença muitas vezes silenciosa e ficamos imaginando o que o vírus estará fazendo com o nosso organismo, quais as complicações podemos vir a ter, será que vamos superar sem nenhuma sequela? São questionamentos que acho que todo paciente com coronavírus se faz.

Incluindo no meu curriculum mais o fato de ser IgG positivo para covid-19, e ter passado o tempo do isolamento absorvendo tudo que podia ler sobre as pesquisas realizadas e as novas descobertas sobre o vírus assim como os métodos de diagnóstico, consegui na medida do possível, tirar dúvidas e orientar vários pacientes que realizavam acompanhamento no laboratório.

Junto com a pandemia também veio a preocupação de todos com o lado financeiro. A rotina do laboratório diminuiu drasticamente e com isso tentamos economizar ao máximo onde podíamos como em energia, materiais de escritório etc. Todos se preocupavam em manter o seu “ganha pão” e a cada semana que passava e conforme a rotina voltava a aumentar era uma comemoração geral.

Todos estamos aprendendo juntos com a doença, não só em termos de ciência mas também a dar valor ao que realmente importa, como o maior tempo com a família, a nossa saúde muitas vezes negligenciada, o cuidado com o próximo e até mesmo as normas de biossegurança que muitas vezes eram taxadas como absurdas ou exageradas.

A Pandemia nos fez distantes fisicamente porém cada vez mais unidos com um mesmo objetivo, voltarmos ao nosso “normal” o mais depressa possível e nesse meio tempo lutar para diminuir o número de vítimas fatais desta doença.

Igor Brasil Costa

Minha formação profissional e científica foi bem variada na área biomédica. Sou biomédico formado pela Universidade Federal do Pará em 2007, com iniciação científica em IST, biologia molecular e bacteriologia e estágio supervisionado no Hospital Universitário João de Barros Barreto, onde a prática de análises clínicas foi completa. Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFPA, de 2007 à 2009, onde me dediquei nas áreas de genética humana, radioatividade, genética de populações e oncologia. No HEMOPA, de 2008 até 2011, aprimorei minhas habilidades em biologia molecular e aprendi bastante sobre administração e gerenciamento. Em 2011, no Hospital Ophir Loyola, aprendi de verdade Hematologia, pois como é um hospital referência em câncer, víamos todo tipo de células sanguíneas. E finalmente no Instituto Evandro Chagas, desde 2011, venho desenvolvendo pesquisas sempre agrupando os conhecimentos de todas as áreas por onde passei somando-se às que venho focando atualmente, que são a oncologia, virologia e imunologia. Em 2015, defendi meu doutorado no mesmo programa de pós-graduação aliando a virologia, bacteriologia, imunologia e genética em um único trabalho com foco em câncer gástrico. Ao final de 2019, vinha, juntamente com a chefia da Seção de Virologia do Instituto Evandro Chagas, desenvolvendo uma proposta de estruturação física e gerencial para melhorar o fluxo de trabalho, o controle gerencial e a produção científica da Seção, quando o temor da pandemia começou a bater nossa porta. Em 16 de janeiro de 2020, enviei a proposta completa de estruturação da Seção para a chefia, mas já não cabia nada além do diagnóstico do novo coronavírus. A atenção estava voltada para o potencial primeiro caso em nosso estado, fato que se consumou logo em seguida. Entrei em trabalho remoto, mas não consegui ficar nem uma semana inteira. Sentia que precisava ajudar. Como tratava-se da Seção de Virologia do Instituto Evandro Chagas, fomos muito cobrados no diagnóstico, principalmente a equipe de Vírus Respiratórios. Eu colaborei na atividade de extração do material genético viral. Neste momento, diminuí minha produção, meus alunos tiveram suas atividades suspensas e um clima de medo se instaurou. Neste cenário, fui procurado pela pesquisadora Dra. Luana da Silva Soares Farias que perguntou se eu queria e poderia colaborar com pesquisas na área de COVID-19. À princípio fiquei relutante, pois havia um grupo de pesquisa em nossa Seção para este fim. Mas percebemos juntos que pela demanda de diagnóstico, precisávamos nós, de outros laboratórios da Seção de Virologia, unir forças para desenvolver pesquisas voltadas para esta nova doença. E assim foi feito, no final de Abril de 2020, fizemos uma reunião com pesquisadores experts em sequenciamento, virologia e bioinformática. A pesquisadora Luana estava à frente das ações, mas infelizmente foi infectada e suspendeu suas atividades. Ela pediu que eu seguisse com a proposta e neste momento minha atuação acerca da doença mudou completamente. Eu era um colaborador e precisei tomar as rédeas da proposta e da equipe. Escrevi uma proposta ao edital 07/2020 do CNPq, mas devido ao curto prazo não consegui submeter. Neste mesmo edital, fomos contemplados com a proposta do Professor Dr. Antônio Vallinoto, da UFPA, sobre a soroe epidemiologia de COVID-19 em populações urbanas e indígenas, do qual faço parte com orgulho da equipe. Em reunião com a direção do Instituto Evandro Chagas, vimos que precisávamos continuar alimentando a semente de pesquisas de alto nível em COVID-19.

Assim, reunimos vários pesquisadores de várias Seções do Instituto e escrevemos, sob minha coordenação, um projeto robusto com cerne na Seção de Virologia, contando com colaborações regionais, nacionais e internacionais. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos no dia 29 de setembro de 2020 e agora estamos ajustando detalhes para o início das coletas. Em resumo, nossa proposta pretende avaliar a resposta imunológica de pacientes COVID-19 em nível imunofenotípico, de perfil de resposta imunológica, expressão gênica e presença viral em vários tipos de material biológico ao longo da infecção. A pandemia me ensinou que precisamos ter uma rede de colaboradores experts para que possamos dar respostas rápidas à sociedade quando estas forem necessárias. Estou aprendendo a lidar com o ego de alguns colegas e feliz por sentir a empolgação e produção de outros, sempre na intenção e ação de alavancar a pesquisa biomédica. É extremamente satisfatório trabalhar com algo novo. Acho que é o sonho de todo cientista. Ou deveria ser. Quero contribuir com o que posso para o melhor entendimento da COVID-19 e ter discernimento para identificar meus limites e os potenciais colaboradores que far-me-ão ultrapassá-los. Pois a gente escolhe o que fazer com a pedra do caminho: chuta e tropeça ou guarda para construir uma base forte.

Joiciane Jéssica Pantoja Ramos

Apresentação: Possui graduação (2011-2015) Bacharel em Biomedicina - Faculdade Metropolitana da Amazônia - FAMAZ (2016-2017) e Pós-graduação em Citopatologia Clínica com ênfase no trato genital feminino - Faculdade Integrada Brasil Amazônia - FIBRA. Atualmente é aluna do curso de Farmácia - Universidade UNAMA.

Local de Trabalho: Exerce a função de biomédica no Laboratório BioCiência de Análises Clínicas

Exercer minha função como biomédica durante a pandemia da Covid-19 foi o desafio mais difícil de todos os meus anos de atuação na área de análises clínicas. Somado as incertezas e medos que a doença trouxe, foram dias cansativos tanto fisicamente quanto mentalmente frente a responsabilidade que assumi no meu local de trabalho de apresentar o diagnóstico laboratorial da covid-19 aos pacientes, de modo que os mesmos pudessem iniciar o tratamento.

Dentro de mim o sentimento sempre foi de expectativa e confiança para que tudo voltasse ao normal – e que nós – profissionais da saúde através de nossa práxis deixássemos em meio a esse caos a mensagem do quão importante é a nossa valorização e da saúde pública de qualidade. Por fim, penso que exerci e venho exercendo minha função com responsabilidade na tentativa de assegurar um diagnóstico honesto e transparente a todos os pacientes acometidos com a covid-19.

Jussara da Silva Nascimento Araújo

Apresentação: Bacharela em Biomedicina pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2017), habilitada em Análises Clínicas pela mesma universidade. Foi bolsista de Iniciação Científica através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no período de 2013 a 2014, em que investigava as características epidemiológicas da Leishmaniose Tegumentar Americana no município de Marabá e a evolução destas características nos últimos anos. Durante a graduação, ministrou aulas em cursos técnicos da área de saúde em instituições de ensino particulares. É especialista em Hematologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, em Saúde Pública e da Família pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais – INTERVALE e Citologia Oncótica pela faculdade Unyleya. Trabalhou de 2017 a 2019 como Biomédica plantonista noturno no Hospital Regional do Sul e Sudeste do Estado do Pará – Dr. Geraldo Veloso, em Marabá-PA. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM), vinculado ao Instituto de Ciências Exatas (ICE) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) onde desenvolve estudos na área de educação em saúde nos processos de educação no nível básico de ensino.

Local de Trabalho: Trabalha na Unidade de Pronto Atendimento 24h – UPA 24h – de Parauapebas-PA, onde exerce a função de Biomédica plantonista desde 2019.

Meu nome é Jussara da Silva Nascimento Araújo, tenho 26 anos e sou Biomédica habilitada em Análises Clínicas e especialista em Saúde Pública e da Família, Hematologia e Citologia Oncótica, cursando Mestrado em Ensino. Me formei em 2017. Trabalhei por quase dois anos no laboratório de um Hospital Regional especializado em atendimentos de média a alta complexidade e hoje atuo há pouco mais de um ano em uma Unidade de Pronto Atendimento – UPA 24h. Nunca imaginei como seria a vida de um Biomédico no meio de uma pandemia. Não foi e não tem sido fácil... No início da pandemia, estávamos ainda enfrentando outros problemas de saúde pública, como a volta do sarampo por exemplo.

Muita gente se questiona se profissionais de laboratório têm atuado na linha de frente no combate à COVID-19. Nossa atuação, como de todos os outros profissionais de saúde espalhados pelo espaço ambulatorial, tem se resumido em diagnosticar, estabilizar e monitorar os pacientes suspeitos e confirmados de COVID-19, além de continuar atendendo as demais urgências e emergências. Além disto, também há Biomédicos espalhados por aí atuando no controle de infecção hospitalar, por exemplo, ou até na gestão em saúde.

No meu caso, tenho atuado em diagnóstico de urgência e emergência, diagnóstico da COVID-19, por meio de testagem rápida de pesquisa de anticorpos ou de antígenos e ainda a coleta de material oro e nasofaringe, que inicialmente enviávamos para o laboratório de referência regional no diagnóstico da doença por meio de RT-PCR e, posteriormente e passamos também a enviar as coletas de nasofaringe para um laboratório de biologia molecular montado na cidade temporariamente que também utiliza a técnica de RT-PCR. Certamente, lá há Biomédicos trabalhando nessas técnicas de biologia molecular.

E, como já mencionado, realizamos exames diariamente de pacientes com quadros de moderados a graves que estão em cuidado ambulatorial, para monitorar o tratamento, a saturação de oxigênio e outros parâmetros que a gasometria arterial oferecem, além de acompanhar quantidade de oxigênio que é oferecida a eles, auxiliando a equipe médica, oferecendo as informações necessárias a eles para que possam tomar suas decisões. Atuo também na coleta de material para diagnóstico de óbitos sem causa definida.

Fomos treinados para utilizar os protocolos de paramentação e desparamentação usados no último surto de Ebola, ocorrido na África Ocidental em 2013, nos procedimentos que produzam aerossóis. São dias difíceis, lutas diárias!

Realizamos mutirões de testagem em massa na cidade, com o máximo de testagem possível por dia. Hoje, dia 19 de outubro de 2020, já contabilizamos mais de 167 mil testes realizados, entre testes moleculares e pesquisas de anticorpos ou antígeno por testagem rápida.

Muitos colegas ficaram doentes, outros faziam parte do grupo de risco. Quem não ficou doente de COVID-19, ficou exausto física e psicologicamente. Cada dia é como uma grande batalha vencida em meio a guerra. Em casa, eu montei uma área de desparamentação, com local para as roupas vindas da rua, para as máscaras, área e material para limpeza de aparelhos celulares e para os sapatos também. Só se entra em casa depois de seguir todos estes passos. Tudo para cuidar das pessoas que vivem comigo e eu optei por continuar com elas por perto, até porque tinha um bebê que eu inclusive ainda amamentava.

A coleta da oro e nasofaringe é muito incômoda. A primeira coisa que precisamos lembrar é que este exame é o melhor e mais confiável no período agudo da doença, sendo assim necessário.

E, se você é profissional de saúde e já pensou em desistir de sua profissão após o início da pandemia, saiba que você não está sozinho. Eu devo ter pensado sobre isso pelo menos uma vez na semana desde o fim de março. Mas eu sei que não irei desistir, porque é isso que eu amo fazer!

Por fim, reitero que acreditamos na recuperação e cura dos pacientes e lutamos para entregar o diagnóstico em tempo hábil, para que nossos colegas médicos possam tomar as melhores decisões possíveis em cada caso, lembrando sempre que cada paciente tem suas particularidades, suas necessidades. Mantemos sempre o respeito e a empatia por todos os pacientes e familiares dos pacientes atendidos e tentamos entregar o melhor serviço que podemos.

Luana da Costa Barbosa

Apresentação: Graduada em Biomedicina pela Escola Superior da Amazônia (2013) e Especialista em Gestão e Controle de Qualidade de laboratório pela Universidade Federal do Pará (2019)..

Local de Trabalho: Atualmente é Biomédica no Amaral Costa Medicina Diagnostica.

Em meados de março, senti os primeiros impactos da pandemia, uma mistura de vários sentimentos juntos as mudanças eram constantes. A cada hora surgia uma informação nova.

Trabalho como Biomédica Analista da Qualidade e no laboratório iniciamos uma incansável luta contra o tempo em busca de EPIs. Inicialmente, as medidas de segurança foram as nossas ferramentas de primeira linha como forma de combater o vírus. Os problemas só estavam começando a surgir, problemas como procura de equipamento de proteção individual, produtos antissépticos e medicamentos. Era até luxo você ouvir alguém comentar que conseguiu comprar álcool 70%, pois não se encontrava mais esse tipo de insumo nos mercados e farmácias.

Quando a ficha caiu, estava vivenciando uma luta contra um inimigo chamado covid-19. Em certos momentos me sentia em um campo de guerra. No laboratório criamos um plano de enfrentamento da pandemia e cada informação nova a respeito do vírus se tornava um instrumento de defesa em meio a índices alarmantes de novos casos no mundo, no Brasil e na nossa capital. Comecei a sentir na pele os efeitos da pandemia. Meus amigos, colegas de trabalho e meus familiares começaram a adoecer. Meu emocional estava abalado, mas eu precisava ser forte, pois eu sabia que apesar de estar vivendo toda essa situação, Deus sempre estava ao meu lado e tudo iria ficar bem. A luta continua! A guerra não acabou! Aprendemos a lutar contra esse inimigo. Aprendi inúmeros ensinamentos nesse período de pandemia: o principal de tudo, a fé, união e gratidão, sobretudo a Deus. Eu acredito que estamos unidos no mesmo propósito, a pandemia ainda não acabou tenho a esperança que em breve estaremos encerrando esse capítulo.

Márcia Cristina Freitas da Silva

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela UFPA, mestrado em Morfologia pela UFRJ e doutorado em Neurociência e Biologia Celular pela UFPA. Professora da Universidade Federal do Pará atuando no ensino na Faculdade de Medicina. Colabora com o Laboratório de Toxicologia Humana e Ambiental (NMT/UFPA) no desenvolvimento de estudos sobre a vulnerabilidade de populações ao mercúrio e bioquímica oxidativa associada a doenças tropicais com ações voltadas para prevenção e prestação de serviços na área de assistência à saúde para comunidades ribeirinhas às margens dos rios Caetés, Tocantins, Tapajós e Xingu. Faz parte do grupo de pesquisa do Laboratório de Farmacologia e Toxicologia de Produtos Naturais (ICB/UFPA) para validação científica de propriedades reveladas por usuários da planta medicinais para avaliar os riscos associados com o seu uso e analisar os parâmetros toxicológicos associados a sua utilização, através de parâmetros histopatológicos, hematológicos, bioquímicos e eletrofisiológicos. Também participa de estudos no laboratório de Biologia Estrutural e Funcional (ICB/UFPA) na investigação toxicológica em glândulas salivares e sistema nervoso central. Tem colaboração com o Programa de Educação Permanente em Saúde para capacitação de profissionais no âmbito da formação e da Educação Continuada na Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Educação na Amazônia (GEPSEA) da UFPA, desenvolvendo estudos voltados para prevenção, promoção e reabilitação da saúde em Altamira. Membro do Conselho Gestor do Programa Interdisciplinar Trópico em Movimento e Membro da Academia Paraense de Biomedicina.

A pandemia do COVID-19 nos países socioeconomicamente organizados é tensa apesar de sistemas de saúde bem equipados. Esta pandemia onde há cultura de desobediência de regras gerais é alarmante. Para higienização e desinfecção do ambiente, alimentos e pessoal foram indicados os saneantes domissanitários ou produtos de limpeza doméstica, porém, estes podem apresentar possíveis efeitos tóxicos, pois se faz necessário seguir as recomendações do fabricante. A cada saída de casa, desinfecção de roupas e sapatos, higienização das compras em geral e frequência de utilização do álcool etílico a 70% quando não houver sabão e água, além é claro da higienização das máscaras, são itens básicos para nossa biossegurança. De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (nota técnica nº 11/2020), ocorreu um maior registro de casos de intoxicação por este tipo de produto em adultos e crianças quando comparado com anos anteriores, o que nos demonstra um vínculo entre as exposições e os esforços de limpeza para evitar a Covid-19. Geralmente a intoxicação ocorre por mistura de produtos químicos, baixa ventilação no momento do manuseio, não seguir as diluições recomendadas, contato direto com a pele e armazenamento em locais de fácil acesso às crianças.

Marcelo Pereira Mota

Apresentação: Possui graduacao em Biomedicina pela UFPA em 2003, Mestrado em Análises Clínicas pela UFPA (2018), Especialista em Análises Clínicas (2008), Citologia Clínica e Hematológica (2005) pela UFPA.

Local de Trabalho: Atualmente Biomédico no Hospital Ophir Loyola, cedido pela Fundacao Santa Casa de Misericórdia do Pará e Técnico em Laboratório no Hospital Barros Barreto.

Como biomédico de dois grandes hospitais de referencia em Belém, Santa Casa e Barros Barreto, pude vivenciar todos os pormenores vividos pelo colapso nas redes de saúde pública. Ambos pararam de atender seus públicos-alvo para se dedicarem a prestar socorro as vítimas da pandemia. Não esqueço a imagem de um grande Container para a armazenagem de corpos de vítimas da Sars-cov2 em um dos hospitais. Parecia cenário de guerra nunca visto. Pois bem. Enquanto mais de 70% dos colegas do laboratório se contaminaram e foram afastados pela doença em decorrência de suas atividades, eu permanecia ali realizando os exames dos pacientes, no setor de hematologia de ambos hospitais, onde pude me aprofundar sobre os diferentes aspectos encontrados desta virose a nível laboratorial. Fui dos últimos a ser contaminados, vi alguns colegas desesperados física e psicologicamente em face aquela situação, onde nos dávamos apoio em um momento difícil. Alguns outros colegas perderam suas vidas cuidando de pacientes. Até que em 29 de abril de 2020, onde certamente me contaminei com um dos 3 pacientes internados em isolamento com Covid-19 no HUJBB durante procedimento de coleta de sangue. Neste plantão noturno trabalhei sozinho, como em outros dois anteriores, pois muitos servidores estavam afastados e não havia como substituí-los. Mas ainda assim cumpri a missão que me foi designada perante juramento profissional e realizei todas as coletas e os exames dos pacientes internados com Covid-19, entre hematologia, bioquímica e LCR. Um dos momentos mais marcantes da minha trajetória profissional. Dia 02/05/20 comecei a apresentar alguns sintomas da doença, como perda de olfato e paladar, garganta inflamada e coriza, mas sem febre. Dia 05/05/20 eu mesmo coletei meu swab de naso e orofaringe, os quais testaram detectáveis por RT-PCR no Laboratório Central do Estado e posteriormente reagente no teste rápido. Recentemente foi colocada uma grande placa em homenagem aos servidores que atuaram no combate a esta doença no mural do HUJBB, o que nos motiva a continuar a sempre trabalhar em prol dos que mais necessitam. Foi um grande aprendizado e continuamos na luta, pois a pandemia ainda vigora.

Mioni Thieli Figueiredo Magalhães de Brito

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1998), mestrado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2005), doutorado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2011) e pós doutorado em Tecnologia Farmacêutica, pela Universidade Federal do Pará (2012). Atualmente é Professora Associado I, da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Pará, onde desenvolve projetos de extensão voltados à comunidades ribeirinhas, projetos de pesquisa em epidemiologia de *Cryptococcus* e Dermatófitos e atua nas disciplinas de Micologia e Epidemiologia, para a graduação. É pesquisadora visitante do Ambulatório de Dermatologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade do Estado do Pará, atuando no Laboratório de Micologia. Faz parte do corpo docente permanente e é vice-coordenadora do Mestrado Profissional em Análises Clínicas (MAC-PRO), do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, com a linha de diagnóstico micológico e tecnologias educacionais para Análises Clínicas e Micologia.

Local de Trabalho: Universidade Federal do Pará

O cenário mundial se redesenhou numa velocidade estonteante. Estávamos vivendo assustadoramente, uma pandemia. Termo novo e desconhecido, que agora precisávamos vivenciar.

Na Universidade Federal do Pará, as atividades acadêmicas precisaram ser suspensas e tudo ficou num limbo de dúvidas. Porém, em meio a estas dúvidas, alguns professores da Faculdade de Farmácia, capitaneados pelo Prof. Otávio Carrera, do Laboratório de Tecnologia de Fitoterápicos, desenvolvemos o projeto de produção de álcool gel, para atender uma demanda de urgência e auxílio dos Hospitais Universitários.

Eu, como Biomédica, procurei me inserir naquilo que poderia, dentro da linha de produção – a rotulagem dos frascos. Me ofereci para desenvolver desde o layout até a impressão, corte e adesivamento dos frascos. No início, fiz apenas isso. Mas, com o passar dos dias, fui me envolvendo na produção do produto. Foi uma experiência nova, mas muito gratificante. Me senti útil, como profissional, num enfrentamento de uma doença tão nova, misteriosa e desafiadora.

Somada à esta experiência, retomamos as atividades laboratoriais de suporte ao Ambulatório de Dermatologia, no CCBS/UEPA, atendendo pacientes com demandas, inclusive, de pós COVID.

Finalmente, fui convidada a integrar o Laboratório de Genética de Doenças Complexas, do ICB/UFPA, para compor um consórcio de pesquisadores que trabalham para conhecer aspectos genéticos e moleculares de patógenos e hospedeiros.

Olivá Apolinário

Apresentação: Olivá Apolinário concluiu a graduação em Biomedicina, pela Universidade Federal de Pernambuco em 2005. É habilitado pelo CRBM-4 em Análises Clínico-Laboratoriais e Bioquímica. Possui mestrado em Bioquímica pela UFPE. Participou do Grupo de Tecnologias de Informação em Saúde (TIS) com sede no Núcleo de Telesaúde (NUTES-HC/UFPE). Atua na área de hemoterapia, análises clínico-laboratoriais e Docência. Atualmente é supervisor técnico do ciclo do sangue do Hemocentro Regional de Santarém da Fundação HEMOPA, supervisor do Laboratório Regional de Diagnóstico em Tuberculose da URES/9CRS/SESPA e docente do curso de Biomedicina do IESPES.

Local de Trabalho: Hemocentro Regional de Santarém da Fundação HEMOPA, Laboratório Regional de Diagnóstico em Tuberculose da URES/9CRS/SESPA e IESPES.

Foi uma situação muito angustiante que requereu muita resiliência profissional, haja vista que estamos situados na Região Oeste do Pará. No Hemocentro Regional de Santarém, precisamos nos organizar para enfrentar a pandemia, tendo cautela nas ações de atendimento ao doador de sangue, reforçando todas as medidas de biossegurança. Precisamos ser criativos e mais comunicativos para manter o atendimento hemoterápico no período de Lockdown. No Laboratório Regional de Tuberculose, vimos o número de Testagem Molecular para diagnóstico de Tuberculose reduzir drasticamente por conta da diminuição de atendimentos de saúde, o que bastante nos preocupa, uma vez muitos não sabem que estão infectadas com Tuberculose, grupo de risco para COVID-19. Na docência, vivenciamos o período de aulas remotas, requerendo organização e bastante criatividade para manter a educação biomédica, considerando as peculiaridades de acesso à internet de nossos estudantes.

Paloma Daguer Ewerton dos Santos

Apresentação: Biomédica formada pela universidade Federal do Pará- UFPA (2006), registrada no Conselho Regional de Biomedicina da 4ª Região com mestrado na área da Genética e Biologia Molecular, com ênfase em Bioinformática pela UFPA (2011). Atuou como professora e coordenadora do Curso de Biomedicina da Escola Superior da Amazônia (2011-2019). Atualmente, é aluna de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Virologia do Instituto Evandro Chagas, professora no Curso de Biomedicina da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) e membro imortal da Academia Paraense de Biomedicina.

Local de Trabalho: Instituto Evandro Chagas e Escola Superior Madre Celeste (ESMAC)

O primeiro semestre de 2020 o foco foi voltado para a finalização do doutorado, por meio da execução de disciplinas, realização de experimentos e escrita da tese e de artigos científicos. Consegui finalizar meus experimentos nos primeiros dois meses do ano e em março, com a pandemia e o lockdown, foram suspensas as atividades presenciais no laboratório ao qual faço parte, as disciplinas foram suspensas e eu passei a desenvolver outras atividades em regime de home office. No começo foi difícil e passei a me dedicar às atividades educacionais do meu filho e a ajudar meus pais e minhas tias idosas, para que os mesmos não tivessem que se expor em locais de possível contaminação. Com o passar do tempo fui ficando impossibilitada de desenvolver atividades ligadas ao doutorado, o que veio se tornando algo difícil para mim e vi a necessidade de realizar um processo de adaptação para não ficar em um estado de ociosidade. O Programa de Pós-graduação em Virologia, após verificar que o período de quarentena iria se estender por mais tempo que o esperado, decidi por ofertar uma disciplina no formato de educação a distância e, então, além de continuar cuidando da família, retornei à dedicação as atividades do doutorado, por meio da produção de artigos científicos e da escrita da tese e neste mesmo período, iniciei um curso de especialização na modalidade de educação a distância, voltado para a gestão no ensino superior. No segundo semestre, comecei a ministrar aulas no Curso de Biomedicina da Escola Superior Madre Celeste - ESMAC de forma remota, precisando me adaptar ao ensino remoto, buscando novas metodologias para manter a qualidade do ensino. Percebi as angústias e aflições dos alunos que, por um lado preferem o ensino presencial, porém estão com receio de voltar mesmo com todas as precauções tomadas pela faculdade. Sempre fomos além de professores, ajudando os alunos com seus problemas, mas durante a pandemia, precisamos mais ainda lidar com as emoções dos alunos. Além disso, durante todo esse período, fiquei analisando dados e notícias a respeito do COVID-19 por atuar diretamente nas áreas da virologia e saúde e passei a realizar participações em lives e publicações sobre o assunto, tentando sempre da melhor forma, realizar ações úteis nesse momento tão difícil para nós brasileiros.

Rafael dos Santos Barros

Apresentação: Possui graduação em Biomedicina pela Universidade do Estado do Pará (2018). Atualmente é Biomédico Residente em Hemoterapia e Hematologia pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde (UEPA e HEMOPA).

No começo do mês de março de 2020 foi quando me dei conta que a pandemia do SARS-CoV-2 chegara a Belém. Minha apreensão era enorme e o ar de preocupação nos rostos de todos os meus colegas de trabalho, amigos e familiares era evidente. A primeira medida da fundação HEMOPA foi afastar as pessoas que se enquadravam no grupo de risco e alunos, incluindo nós residentes. Com esse afastamento, me senti aliviado e seguro em casa, visto que, por eu ser da área da saúde, eu tinha maiores chances de contrair o vírus e acabar contaminando meus pais e irmãos. Estes dias em casa também proporcionaram o sentimento de aflição, tristeza e ansiedade. As mídias noticiavam o aumento dos casos e de mortes, e eu todos os dias acompanhava a repercussão da pandemia no mundo, o que não fazia nada bem para minha saúde mental. E a cada dia a ansiedade aumentava!

No mês de abril, os residentes que não se enquadravam e não tinham familiares do grupo de risco foram convocados pelo Ministério da Saúde para voltar as atividades e atuar no programa “Brasil conta comigo”. No HEMOPA, acabei trabalhando no setor responsável pelos testes pré-transfusionais e pela distribuição de hemocomponentes e hemoderivados, a qual atende os hospitais, clínicas, hemocentros e hemonúcleos no Pará. Com o número de profissionais bastante reduzidos, tive que atuar com uma postura mais profissional e proativa, pois eu às vezes era o responsável por tal atividade. Por ser um setor com o grande fluxo de pessoas vindas de hospitais e amostras (incluindo de pacientes internados por COVID-19), o medo de se infectar era enorme, mesmo com o uso de todos os EPI's e respeitando as medidas preconizadas. Apesar da enorme preocupação, vi que minha atuação era realmente necessária e como isso foi gratificante para meu crescimento profissional e pessoal. Além disso, a atuação de toda a equipe multiprofissional foi notória. Vivenciei que a saúde se faz com todos os profissionais, trabalhando, conversando, se ajudando e trocando informações, com o objetivo da melhora do paciente. E são esses profissionais que ainda estão nessa batalha árdua nessa pandemia.

Rafael Augusto Neves Blois

Apresentação: Sou formado em Biomedicina pela universidade federal do Pará, com especialização em diagnóstico por imagem (ressonância magnética e tomografia computadorizada).

Local de Trabalho: Faço parte da equipe de imagem em duas grandes clínicas de Belém, contudo foi na clínica Amaral Costa que pude vivenciar, como profissional de saúde, o auge da Pandemia em nossa cidade.

Meu nome é Rafael Augusto Neves Blois, sou formado em Biomedicina pela universidade federal do Pará, com especialização em diagnóstico por imagem (ressonância magnética e tomografia computadorizada). Faço parte da equipe de imagem em duas grandes clínicas de Belém, contudo foi na clínica Amaral Costa que pude vivenciar, como profissional de saúde, o auge da Pandemia em nossa cidade.

Se configurando como exame de auxílio no diagnóstico para covid, foi evidente em meados de março, as mudanças no protocolo de atendimento e o aumento substancial no fluxo de pacientes na tomografia. O que inicialmente parecia tão distantes de todos nós, em poucos dias se fez presente no nosso cotidiano de trabalho pessoas referindo dor torácica, febre, dispneia e a perda de olfato e paladar, entre outros sintomas menos comuns. Também o relato da perda de entes queridos, amigos e conhecidos a cada dia se tornou mais comum e evidenciou a importância que todos deveriam dar as vertentes que a doença se apresentava no país, pois contrariando as estatísticas de outras regiões no mundo, no Brasil muitos jovens e adultos foram acometidos e morreram em decorrência do coronavírus.

Não poderia deixar de citar também a mudança nos protocolos em todo processo de liberação de corpos em hospitais e necrotérios até às empresas para efetuação do "velório" e posterior enterro. Vivenciei em minha família triste episódio e posso relatar que sepultar um ente querido sem os "tributos" culturais que estamos acostumados a realizar, dá a sensação de um ciclo inacabado e interrompido prematuramente.

Como um adepto da ideia que tudo na vida tem uma razão de ser, acredito que essa pandemia sinalizou para todos da importância de coisas que aos poucos se tornaram menos relevantes e essenciais, como o convívio em família. Um pequeno "ser" foi capaz de parar os grandes centros econômicos no mundo e nos "convidou" a "reaprender" e enxergar as pessoas na verdadeira essência que elas são. Evidente que houveram e estão ocorrendo morte, pois ainda não vencemos a batalha, mas sempre é preciso tirar proveito de situações que aparentemente não apresentem nenhum benefício.

Regina Paula Soares Diego

Apresentação: Graduada em BIOMEDICINA pela Universidade de Santo Amaro - São Paulo / SP com Habilitação em Imagenologia. Professora de Diagnóstico por Imagem para cursos de Graduação e Pós-Graduação em Radiodiagnóstico. Experiência na área de Diagnóstico por Imagem atuando em Medicina Nuclear, incluindo PET-CT, Tomografia Computadorizada, Ressonância Magnética, Radiofarmácia, Gerenciamento Técnico Operacional / Administrativo em Centros de Diagnóstico por Imagem, além de Gestão em Controle de Qualidade e Engenharia Clínica. Mestre em Ciências Morfofuncionais pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará - Neurociência e Doutoranda pelo Programa de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal do Ceará - Oncologia. Conselheira Titular do Conselho Regional de Biomedicina 2ª Região (CRBM 2), Presidente da Comissão Científica de Ensino e Pesquisa do CRBM 2 e Integrante da Comissão de Imagenologia do CRBM 2.

O período de pandemia nos impôs inúmeros desafios e nós profissionais Biomédicos fomos capazes de enfrentar todas as adversidades com muita segurança, expertise, competência e resiliência. Tivemos que nos adaptar rapidamente e oferecer o melhor de nós para que juntos pudéssemos vencer o SARS-Cov-2. Muitos Biomédicos estiveram na linha de frente, trabalhando exaustivamente, garantindo a oferta de muitos serviços, incluindo a Tomografia Computadorizada como método de escolha para o diagnóstico da Pneumonia causada pelo Coronavírus. Como Gestora de um Centro de Diagnóstico Por Imagem localizado na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, participei ainda de um comitê criado especialmente para discutir e criar soluções assertivas visando o enfrentamento da COVID-19. Ainda, como Conselheira Titular do Conselho Regional de Biomedicina 2ª Região (CRBM2), visitei mais de 50 centros espalhados pelo Estado do Ceará, com intuito de alcançar os profissionais Biomédicos que estão atuando na linha de frente durante esta pandemia, verificando as condições de saúde e trabalho destes colegas, distribuindo inclusive face-shields confeccionados pelo CRBM2. A Biomedicina vem ganhando cada vez mais espaço, se afirmando no mercado, conquistando credibilidade perante a sociedade, mostrando seu papel na prática e exaltando todo seu valor! Tenho certeza que nossos esforços tem valido muito a pena, uma vez que estamos vencendo esta doença e, sem sombra de dúvidas, colheremos bons frutos em um futuro bem próximo! Avante Biomedicina Brasileira!

Tais dos Reis da Silva

Apresentação: Possui Graduação em Biomedicina pela Universidade do Estado do Pará (2019). Atualmente é Residente em Atenção à Saúde da Mulher e da Criança pela Universidade Federal do Pará no Hospital Santo Antônio Maria Zaccaria. Foi bolsista de iniciação científica na Seção de Arbovírus e Febres Hemorrágicas do Instituto Evandro Chagas (2017-2019).

Local de Trabalho: Hospital Santo Antônio Maria Zaccaria

Iniciar a jornada biomédica durante a pandemia foi totalmente desafiante; primeiramente em razão de estar atuando em uma instituição longe de casa, e aliado a isto, a angústia da distância quando meus familiares estiveram infectados, ficando aproximadamente três meses sem vê-los. Apesar de toda a correria e as dificuldades para a adaptação à pandemia, esse começo profissional me permitiu novas possibilidades, embora repleto de obstáculos, mostrou-se construtivo, seja pela busca por atualizações, dado que a cada momento saíam informações novas, o compartilhamento multiprofissional de conhecimento com pessoas que tenho convivido, e sem esquecer da nossa atuação como analista clínico, por exemplo, que foi fundamental na condução do prognóstico do paciente internado. Enfim, essa luta contra o vírus não é fácil, porém com o esforço de todos e com fé conseguiremos atravessar esta fase, e dessa forma, aproveitar as lições que nos foram fornecidas.

Tahiana Maria Coelho de Azevedo

Apresentação: Mestre em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará (2014), Especialista em Hematologia Clínica com Ênfase na Citologia Hematológica pela Universidade Federal do Pará (2007). Graduada em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (2006).

Local de Trabalho: Atuando como analista clínico laboratorial desde 2006.

Em 2020 o mundo se vê diante de um grande desafio: combater o novo coronavírus! Uma pandemia que nem nos piores pesadelos eu imaginei que viveria, com proporções absurdamente avassaladoras. E pra quem trabalha na área da saúde, pôde vivenciar de perto todo o caos gerado.

Em março de deste ano, surgiu em Belém o primeiro caso confirmado do coronavírus e com essa notícia o medo, a incerteza, a angústia, o desespero passaram a fazer parte do nosso dia a dia. Atuando como plantonista em uma unidade de urgência e emergência, vivi dias bem tensos, unidade cheia, com muitas pessoas passando mal, profissionais sobrecarregados, mas dando o melhor que podiam para tentar fazer o possível por cada paciente, infelizmente nem sempre os esforços resolveram, muitos se foram!

Em poucos dias começaram a surgir os casos entre os colegas de trabalho, com amigos, familiares e a preocupação só aumentava, pois as dúvidas eram muitas. Será que vão agravar? O que vamos fazer? E se eu pegar? E transmitir para quem convive comigo? É impossível não se abalar com um tsunami de incertezas. Além do desafio profissional a enfrentar com essa nova situação, há o desafio psicológico, talvez o pior dentre eles. Muitas pessoas desencadearam síndrome do pânico, crises de ansiedade, depressão. Só Deus sabe a aflição que cada um passou!

O colapso na saúde chegou! Sem leitos disponíveis, os hospitais fecharam suas portas, muitos ficaram sem atendimento, outros morreram dentro do carro a espera de socorro, farmácias sem as medicações necessárias, parecia até coisa de filme, mas foi a nossa realidade.

E aí começam a surgir as notícias que tanto temia! Pais, mães, avós, parentes de pessoas próximas, profissionais que trabalhavam na mesma unidade de saúde que eu, não resistiram ao vírus e descansaram! Quanta tristeza! Um dia você fala com a pessoa e uns dias depois a notícia do falecimento. Muito surreal esses momentos, difíceis até de processar na cabeça. Esse vírus levou muitas vidas, destruiu muitas famílias, desestabilizou até mesmo quem se achava uma fortaleza emocionalmente. Mas somos humanos e em meio a tanta dor, tanta tristeza, não tem como ficar alheio, inerte a tanto sofrimento.

E se tem algo bom para tirar de tudo isso, posso dizer que vi a empatia, a solidariedade, generosidade, aflorarem como nunca visto antes, pois muitos perderam seu emprego, fecharam seus negócios, ficaram numa situação bem delicada. Meu desejo é que a pandemia acabe o quanto antes, mas que permaneçam os bons gestos, as boas atitudes e ações pra que o mundo seja um lugar melhor e mais saudável para viver.

Tinara Araújo

Apresentação: Biomédica formada pela Universidade Federal do Pará (2003), possui mestrado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pela Universidade Federal do Pará (2005) e doutorado em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pela Universidade Federal do Pará (2012). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Biologia Parasitária na Amazônia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente, é pesquisadora colaboradora do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA do Laboratório de Imunopatologia. Docente da Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ) do curso de Medicina, no qual atua como coordenadora de Módulo e tutora, Coordenação de planejamento do Curso de Medicina (FAMAZ), Membro do Comitê Científico do Curso de Medicina (FAMAZ). Docente da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) ministrando as disciplinas Imunologia, Parasitologia e Ética e Legislação Biomédica. Coordenadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Biomedicina (FIBRA). Associada da ABBM (Associação Brasileira de Biomedicina). Membro do Conselho Regional de Biomedicina da 4ª Região (CRBM-4). Membro Imortal da Academia Paraense de Biomedicina, ocupando a cadeira de número 6. Tem experiência na área de Ciências Biológicas, com ênfase em Doenças Infecciosas e Parasitárias, atuando principalmente nos seguintes temas: Parasitologia, Imunologia, Microbiologia, Imunohistoquímica, Imunopatologia e Docência em ensino superior (ênfase em metodologias ativas).

Local de Trabalho: FIBRA, UNIFAMAZ e Faculdade Cosmopolita

Sou docente do curso de Biomedicina e Medicina e com a pandemia do coronavírus, o isolamento social alterou a rotinas aulas que se tornaram virtuais para manter o distanciamento seguro e conter a contaminação.

As aulas remotas passaram a ser a ferramenta principal nos cursos de ensino superior evitando que os alunos percam conteúdo durante o isolamento. Comecei a usar plataformas online e ajudar muitos colegas que tinham dificuldade em lidar com a tecnologia. Está sendo um ano atípico nas minhas práticas de ensino, que mudou completamente a minha rotina e da minha família, pois tive que adaptar um mini escritório de trabalho em casa para proporcionar um ambiente mais favorável de ministrar minhas aulas.

Temos que dar conta de muitas tarefas no ambiente online como produção de materiais, envio de aulas assíncronas, ministrar aulas síncronas, correção de atividades, atendimento dos estudantes durante o horário de aula, tirando dúvidas, dando retornos das atividades que já fizeram. Não tem sido fácil, mas precisamos passar uma mensagem de tranquilidade aos nossos estudantes.

Acredito que teremos uma geração que irá valorizar mais os contatos reais e os espaços de integração social, reforçando o papel fundamental das instituições de ensino com o contato professor, aluno e colegas como um ponto importante na formação humanizada dos futuros biomédicos.

Fabiano Castro

Como pessoa, como pai, como filho, como irmão, como diretor administrativo financeiro da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, durante a pandemia pude presenciar fatos que ficarão na memória por toda a minha vida! Momentos de tristeza, mas também de esperança, de alegria e de regozijo!

Como pai, profissional da área da saúde, tive que me afastar dos meus filhos, Lucas e Karla Karolina, crianças de 5 e 3 anos, sem poder abraçá-las, beija-las e colocá-las no colo. Manter a distância em meio a um cenário onde vidas estavam sendo ceifadas não foi nada fácil. Eles sempre foram o meu motivo de alegria e renovo para todos os meus dias de trabalho, mas durante a pandemia nem próximo deles eu pude ficar!

Como filho de pais idosos, ambos com 69 anos, e com algumas comorbidades, tive também que manter distância dos meus pais. Saía bem cedo para o hospital e só chegava em casa depois de meia-noite, de segunda a segunda. Tive que criar todo um fluxo para entrar em casa, criar uma via alternativa de entrada por trás da casa dos meus pais, onde tirava minhas roupas em uma área delimitada, tinha que tomar banho em um chuveirão ao relento, isso em plena madrugada. Mas tudo pensando na segurança dos meus pais e filhos!

Como irmão vi meu irmão sendo diagnosticado com COVID em uma consulta meio que de rotina, onde o mesmo não pode nem mais sair do hospital e ter que ser internado às pressas, com hipertensão, saturação de 82% e 20% do pulmão ser comprometido, onde os médicos falavam que se o quadro dele piorasse um pouco mais, talvez tivesse que ser internado na UTI. Foram dias de aflição e de orações! Por providência Divina, ele não precisou da UTI, e após 12 dias recebeu alta hospitalar.

Como pessoa tive que suportar a perda de um primo, de um tio, de um amigo de um pastor! Acompanhei o pai de uma amiga que em menos de 48 horas, ao procurar um pronto atendimento, não suportou e sucumbiu em meio a esse vírus tão devastador!

Como diretor administrativo da Santa Casa presenciei inúmeros fatos e tive que tomar decisões que jamais pensei que um dia teria que tomar.

Nosso hospital, antes referência para gestantes e crianças, passou a ser referência para para pacientes vítimas de COVID, independente de sexo ou idade. Vimos que o primeiro sistema a entrar em colapso foi o privado. Filas e aglomerações sendo formadas nas portas dos hospitais privados e as ligações não paravam de chegar aos nossos celulares nos pedindo ajuda para internarmos pacientes, fossem particular ou de planos de saúde. Nesse momento tive ainda mais consciência de que pouco importa se você é um grande empresário, possui uma vasta soma de dinheiro na conta bancária ou se é um simples trabalhador, mas que todos dariam qualquer coisa para ter sua saúde e sua respiração com o oxigênio da vida em seus pulmões! Nesse momento percebe-se a fragilidade da vida e o quanto somos todos iguais perante Deus!

Tiveram momentos que tínhamos que escolher quem atender: um idoso já bem vivido ou um jovem com toda a sua vida pela frente! Que escolhas difíceis, dolorosas e angustiantes!

Vimos todo o sistema colapsar! Até as funerárias não daram conta de pegar os óbitos nos hospitais, fazendo com que tivéssemos que alugar um container frigorífico para guardar os corpos de pacientes, à espera de remoção, pois nosso necrotério também não suportou o número de óbitos! Cena triste, mas que era a única coisa que poderíamos fazer para dar segurança às famílias enlutadas!

Mas em meio a todo um caos, pude liderar e acompanhar uma grande equipe coesa e alinhada. A cada dia havia a solicitação do Governo do Estado para implantarmos mais leitos de UTI. Tínhamos que fazê-los em menos de 24h. Toda uma equipe, liderada pela arquiteta Luana Carneiro e o Engenheiro Marcelo Frota, montavam da noite para dia leitos de UTI para dar suporte a população paraense! Que equipe maravilhosa!!

Pude também ver todo esforço e dedicação da equipe assistencial, virando horas de plantão, desdobrando-se ao máximo para dar esperança de vida aos nossos pacientes. Tivemos o afastamento de quase 400 colaboradores em nossa instituição, fazendo com que todos se redobrassem ao máximo, pelo amor à vida!

Infelizmente tivemos perdas preciosas de alguns de nossos servidores, porém tivemos também servidores sendo salvos dentro da Santa Casa!

Contemplar vidas receberem alta para o convívio familiar e comemorarmos por isso, justificou qualquer esforço que tivemos!

Que Deus tenha misericórdia de nós e que após essa pandemia nos tornemos pessoas melhores, com mais amor e cuidado ao próximo!!

Maria Sueli Barbosa Cavalcante

Apresentação: Graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1997), mestrado em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará em parceria com o Instituto Evandro Chagas(2016). Doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Neurociências e Biologia Celular pela Universidade Federal do Pará (2018). Atualmente éBiomédica da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares com atuação na unidade laboratório de análises Clínicas do Hospital Universitário João de BarrosBarreto, desenvolve tese de doutorado no Instituto Evandro Chagas.

Local de Trabalho: Unidade laboratório de Análises Clínicas do Hospital Universitário João de Barros Barreto

Exercer a Biomedicina em um hospital de referência durante a pandemia exigiu coragem, foram muitos desafios, foi preciso superar o medo, a angústia e a incerteza do que estaria por vir. Atuei na linha de frente e ao mesmo tempo também tive que proporcionar isolamento social e proteção aos meus pais idosos, ambos portadores de cardiopatias. A cada dia profissionais do meu convívio eram infectados, imaginar que eu poderia ser fonte de infecção aos meus familiares foi desesperador. Na rotina laboratorial, foram grandes os esforços em liberar exames com a máxima urgência, sobretudo de pacientes graves infectados, entretanto quando o óbito de algum paciente ocorria, a sensação de impotência era imensa, chorei a perda de um familiar, chorei a perda de colegas de trabalho, porém diante de tudo isso, ver pacientes recuperados em alta hospitalar trazia imensa alegria a todos os profissionais unidos nessa batalha ainda não vencida, muito aprendizado, fé e a esperança na ciência que exaustivamente luta contra a Covid-19 em busca de dias melhores e solução para favorecer toda a humanidade.

Lucas Araújo Ferreira

Apresentação: Bacharel em Biomedicina e Pós-graduado em Hematologia Clínica com ênfase em Citologia Hematológica pelo Centro Universitário FIBRA. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários da UFPa. Sócio-Fundador da Rede Paraense de Parasitologia e Sócio-Fundador da Rede Paraense de Parasitologia e Sócio da Sociedade Brasileira de Parasitologia. Experiência na área de Análises Clínicas, com ênfase em Parasitologia, Bioquímica e Hematologia. Na pesquisa desenvolvo trabalhos nas áreas de: Parasitologia Clínica, Ambiental e Veterinária.

A pandemia nos lembrou o quão frágil pode ser a vida humana, e qual a real importância dos profissionais de saúde, no meu caso os biomédicos, uma classe por muitos ainda não compreendida, mas que devido a situação teve sua relevância rerepresentada ao mundo. E no mundo moderno o qual boa parte está conectada não só as redes sociais como também aos veículos de comunicação, o retorno de conceitos errôneos desconsiderados a um tempo tão distante, afinal, se não queremos contrair uma gripe devemos ter um distanciamento de pessoas doentes e um cuidado maior quanto a lavagem das mãos.

É realmente interessante como o conhecimento fundamentado e estudado deixou de ter importância frente a opinião pura de indivíduos não formados na área em questão, compreensível devido a uma situação de saúde nova, onde o desconhecido era temido e por isso o desrespeito para com os profissionais de saúde e as medidas escolhidas na tentativa de preservar a vida ganharam força daqueles aos quais a saúde era mantida, pois por mais que haja aqueles que irão contra por desconhecimento ou hipocrisia, felizmente sempre irá haver um único capaz de parar a cadeia de transmissão de doenças, mentiras e as fakenews.

O Brasil já passou por uma situação grave na era da poliomielite, uma doença com efeitos muito diretos e pontuais, hoje muitos esquecem como foi realizada a vitória contra ela, bem como o que foi aprendido sobre estratégia vacinal transmissão viral. Me pergunto se a COVID-19 causada pelo novo SARS-Cov-2 tivesse esse mesmo impacto no tempo de incubação atual qual seria as ideias criadas para contrapor a vacinação ou ainda que fossem contra as medidas de prevenção.

Ciência para não cientistas é literalmente levar o conhecimento das Instituições de Ensino Superior para a comunidade em uma linguagem de fácil entendimento e compreensão, mas quando essa já “estuda” na Faculdade das mídias sociais o “diploma de seguidor” é há grande problemática, porém, é como diz o velho ditado nunca é tarde para aprender.

Christiane Bentes da Silva

Apresentação: Formação em Biomedicina na Universidade Federal do Pará (1999).

Lembro de quando ouvi falar no novo coronavírus, quando os casos apareceram na China. Estava quase acabando o ano de 2019 e eu pensei, na minha ignorância (ou esperança), que o vírus não chegaria no Brasil. Na época, nem procurei estudar ou me informar muito sobre ele. As informações começaram a chegar aos montes nos grupos de whatsapp e eu estava achando muito tedioso. Mesmo sendo biomédica e trabalhando com virologia no Laboratório Central do Estado do Pará (LACEN-PA), eu ainda tinha a esperança e até acreditava que o vírus não chegaria no Pará. Quisera eu que isso fosse verdade!

Mas o vírus se alastrou e aquela minha esperança deu lugar à preocupação. Comecei a ler mais sobre o assunto e a preocupação deu lugar ao medo. A expectativa era de que a qualquer momento a covid-19 estaria “bombando” em todos os hospitais públicos e privados de Belém.

Foi então que comecei a me proteger mais, principalmente no hospital privado onde eu trabalhava como plantonista noturno. Os EPI's, que antes muitos de nós do laboratório e de todo restante do hospitais usávamos raramente, como óculos de proteção e máscaras, passaram a ser usados religiosamente.

E veio o isolamento social. Parei de andar de ônibus, passei a usar máscara na rua, quando ainda não era obrigatório. Mas o que mais me doía era ter que sair, me expor na ruas e no trabalho, enquanto minha família precisava ficar em casa. Me doía pensar que eu poderia estar levando pra casa a tão terrível doença, a tão desconhecida infecção que nem os médicos sabiam como tratar!

Surgiu, então, o boato de que um paciente do hospital que eu trabalhava seria o primeiro caso de covid-19 no Pará. Os nervos ficavam à flor da pele. Porém o alarme era falso...

Após o primeiro caso divulgado, começaram a surgir outros e mais outros, até que um dia, ao chegar pra trabalhar no hospital, me deparei com a recepção da emergência lotada. Mudanças na estrutura física de todo hospital se fizeram necessárias e tudo passou a ser enfermaria e UTI para covid-19.

Então vieram os problemas básicos: faltavam EPI, faltava álcool 70%, faltavam kits para a realização dos exames, faltavam funcionários para trabalhar... A demanda era grande e muitos adoeceram de covid-19 e tiveram que se afastar do trabalho.

Percebi o drama quando eu tinha que descer do laboratório para pegar as amostras, pois os técnicos não tinham tempo de levarem até a mim. Inevitavelmente vieram os atrasos nos resultados. Os plantões passaram a ser agitados: emergência lotada às 3:00 da madrugada, leitos lotados... Não tínhamos tempo de comer, beber água e ir ao banheiro...

Após quase dois meses de sufoco, vieram os reforços. Mais técnicos na coleta e na área técnica e mais uma biomédica no plantão noturno para ajudar na liberação dos laudos.

Com relação aos testes, como era angustiante ver a piora nos resultados dos pacientes internados! Gasometria, D-dímero, coagulograma, hemograma, ureia, creatinina... Nossa! Ver as alterações de uma hora pra outra era perturbador!

E vieram os testes rápidos. Confiar ou não confiar nos testes rápidos? Eis a questão! Tinha que registrar e controlar o uso de tudo, sem esquecer dos controles de qualidade, que nunca devem passar despercebidos. Pela primeira vez em 21 anos de formada, eu soube o que é trabalhar sobre pressão e com qualidade. Mas não era a pressão das chefias, mas a pressão da própria pandemia!

Quando eu saía do plantão noturno, ia direto para o outro emprego: Lacen-PA, lugar onde estava se fazendo todos os testes de PCR de covid-19 de todo o Estado. Eu não estava trabalhando no setor da covid-19. Eu estava na Seção de Imunoendocrinologia, mas tínhamos que tomar todos os cuidados possíveis! Com os poucos EPI's e pouca quantidade de álcool 70%, precisou-se fazer uma escala de trabalho. Isso também fez diminuir a circulação de pessoas no laboratório. Somente o pessoal que estava fazendo os exames da covid-19 não puderam entrar na escala e trabalhavam de domingo a domingo, como fazem até os dias de hoje.

Enquanto a covid-19 estava "massacrando" a população, um outro fantasma assombrava o Pará e quase não se falava: o sarampo. Fui convidada para integrar a seção de Virologia I do Lacen-PA para ajudar nos exames de sarampo. Foi quando precisei sair da escala de funcionários.

Nesse cenário, implorávamos para as pessoas ficarem em casa, porque não podíamos ficar! Todos parabenizavam os profissionais de saúde, mas poucos lembravam do pessoal do laboratório, do diagnóstico... Não queríamos receber "parabéns", nem tampouco queríamos ser "herois" ou "heroínas". Queríamos sobreviver! Queríamos que nossas famílias, amigos e a família de nossos amigos ficassem bem, não adoecessem ou que tivessem sintomas leves. Porém víamos pessoas conhecidas morrendo, familiares morrendo, familiares de amigos morrendo...

Eu me sentia impotente, pequena, nervosa... Passei a sentir falta de ar... (Não era covid-19). Me vi num cenário que nunca imaginei viver. Me senti triste, deprimida... Com a graça de Deus, não tive covid-19 até hoje. Percebi que todas as medidas preventivas que tomei deram certo. Mas a sensação que ficou não passa!

Hoje, ainda no meio da pandemia, consigo ficar mais calma. Sou grata a todos os amigos que estiveram enfrentando essa batalha comigo; sou grata à minha família que "aguentava as pontas" enquanto eu me ausentava, que me recebia todos os dias, me ajudando no processo de descontaminação, deixando tudo próximo à porta para que eu já me desfizesse das roupas e dos meus pertences antes de entrar em casa; mas sou grata especialmente à Deus por ter me protegido e me deixado até hoje fora dessa triste estatística que ainda assombra o mundo inteiro.

Laís Helena Rescinho Macambira

Trabalho como docente em uma instituição de ensino superior em Belém onde ministrou aulas aos alunos dos cursos de fisioterapia, enfermagem, educação física e gestão hospitalar. Desde o mês de fevereiro de 2020 até o mês atual de novembro do presente ano nós como educadores tivemos que nos adaptar a uma nova realidade de ensino on-line em aulas remotas, bem como no segundo semestre utilizamos o formato híbrido com um número reduzido de alunos em sala de aula, ou seja, de acordo com as iniciais dos nomes dos alunos estes se revezavam em assistir aulas em uma semana sim e outra não.

No período de fevereiro a março de 2020, onde vivenciamos um pico maior das infecções por SARS-CoV-2 na região metropolitana de Belém, as nossas aulas ficaram exclusivamente no formato on-line, isto é, aulas virtuais, em uma metodologia remota.

Tivemos que nos adaptar professores e alunos, pois não estávamos preparados, não tínhamos uma plataforma de ensino definida, as metodologias tiveram que serem repensadas e reformuladas de tal modo que suprissem as necessidades de aprendizagem dos nossos alunos. Acredito que a iniciativa de motivá-los a não desistir da sua graduação também foi a nossa missão neste primeiro semestre já que muitos tiveram dificuldades pessoais com seus familiares doentes, outros alunos foram afetados pela deficiência financeira com a crise da economia de nosso país, discentes sem acesso a uma rede de internet adequada para a realização de suas atividades acadêmicas, entre outras situações que nos exigiram mais do que a conduta de professor, mas de humanização em nossas ações.

Assim a expectativa de uma realidade incerta nos esperava no segundo semestre, onde tivemos a flexibilização da economia e como consequência o relaxamento das medidas de segurança social com a diminuição dos números de casos de COVID-19. Existiram decretos liberando a retomada das aulas presenciais no formato híbrido para os cursos da área de saúde. Houve certo receio em relação à segurança pessoal e familiar, pois entramos de fato em um novo normal, esta segurança não depende somente dos nossos atos de medidas sanitárias e conduta pessoal, mas da coletividade, pois desde o momento que você está fora de casa o isolamento social não acontece. Contudo a vida precisa caminhar e com ajuda de todos aos poucos fomos vencendo as dificuldades, os protocolos de segurança implementados nas instituições de ensino nos permitiu a retomada. As ações e atividades voltadas à educação é algo essencial se pensada com critérios em relação aos dados epidemiológicos e planejamento podem ser realizadas de modo presencial.

Estamos finalizando o ano letivo com a sensação de dever cumprido, pois nos desdobramos em ações na educação que minimizassem os danos deixados pela pandemia, como profissional biomédica e professora digo que fiz o melhor para que o ano não fosse perdido, apesar de todas as dificuldades estamos vencendo juntos. Temos o papel de formar alunos para atuar em diversas áreas da saúde pública, assim eles serão multiplicadores de conhecimentos científicos, levando informações necessárias, ciência, técnicas biomédicas e cuidados a sociedade, todas estas ações em saúde são armas imprescindíveis para vencemos juntos esta pandemia que tanto nos assola.